JACY RÊGO BARROS

Senzala e Macumba

RIO DE JANEIRO
"Jornal do Commercio"
RODRIGUES & CIA.
1939

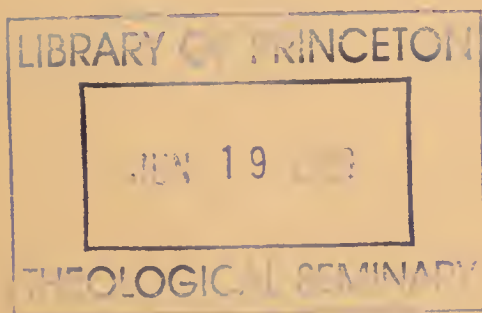
Ao José Vieira
com homenagem de
[illegible]

Rio, 8 Out. 1939

JACY RÊGO BARROS

Senzala e Macumba

RIO DE JANEIRO
"Jornal do Commercio"
RODRIGUES & CIA.
1939

SENZALA
E
MACUMBA

Curso realisado pelo autor
no Departamento de Cultura da Tenda
Espirita Jorge

Prefácio

Numa construção qualquer, a solidez do conjunto é a resultante da resistência de todo o material empregado no grande arcabouço dentro dêsse critério, aprimorando mais e mais os elementos chamados á construção, o homem lográra alevantar os grandes prédios, tendo rigêza monolítica, com a resistência N., precisamente prevista no gabinête antes da primeira pedra sêr transportada para o terreno, sítio estudado em conjunto com o material empregado.

Nas construções sociais assim também se dá, sendo diferentes os factôres empregados, como o racial, o de cultura e outros.

Por muito tempo foi possível imaginar que as forças atuantes na formação de uma sociedade seriam apenas as resultantes de seus grupos de "élite" chegando-se, por êsse método de observação a concluir que em nosso Brasil apenas agiram o português e o padre, esboçando o primeiro a nos-

sa estrutura política, enquanto que o segundo alicerçára nossa cultura e sentimentalização.

Tería sido possível imaginar-se assim outróra a formação da sociedade brasileira, quando se apresentava ingênua, a simples suposição de uma osmose cultural ou antes, que — as legiões passadas para o Brasil, pela porta estreita da Senzala e reunida alhures, em cultos macumbianos —, pudessem precipitar linhas de fôrças atuantes na futura brasilidade.

Assim, entretanto, não foi por muito tempo, e, á proporção que as questões raciais fôram sendo estudadas na Europa, os nossos homens de lêtras fôram trazendo ao patrimônio geral da cultura, as suas observações sôbre o aspeto antropológico do negro, e mais o comportamento dêle na sociedade brasileira em formação.

Aparece então um Nina Rodrigues, construindo óbra clássica em tal especialidade, a que em breve se dedicam espíritos esclarecidos, que a desenvolvem, como Artur Ramos (1), Gilberto Freire e tantos outros que iria longe enumerar.

Parta de onde partir a pesquísa sôbre tão magno problema, verificamos sempre que a Senzala

---

O Prof. Artur Ramos é hoje incontestavelmente a maior autoridade nas questões afro-brasileiras, a meio de quantos se têm ocupado com êsse problema de magna importancia para a nossa formação social.

Se o clássico em tal especialidade é o vulto inconfundivel de Nina Rodrigues, Artur Ramos é hoje o seu mais ilustre continuador.

e a Macumba fôram constantemente as duas balisas assinaladoras da estrada por onde passaram as gentes prêtas, em rumo da integração no conjunto brasileiro.

Pretendendo ressaltar essas duas importantes referências de todo um processo cultural e de adaptação do nêgro entre nós, preparamos êste trabalho, sem a pretenção de havermos compôsto óbra clássica, desde que é em os nossos clássicos e mestres que nos arrimamos, mas com o intuito sincero e bem brasileiro, de trazer contingente nosso á grande óbra de proclamação da verdade em fáce do que fizéra o nêgro pela estabilização de nossa grandeza agrícola, negro êsse deixado á margem do caminho, como um trapo, depois de sua emancipação jurídica.

"Senzala e Macumba", depois de fazer uma observação geral sôbre o problema das raças, entra a examinar o deslocamento do africano para o Brasil, e o seu processo de adaptação ao meio e aos costumes do senhor, adaptação que se fêz não sem levar ao senhor as variantes de costumes nóvos, criando nésta ou naquéla especialidade, uma conduta afro-europeia ajustada á América.

"Senzala e Macumba", não querendo apenas prestar serviços ao Catolicismo, não somente abórda o "porque" do afro-espiritismo, como também o do afro-catolicismo, tendo San Benedito a frente; não move a seu autôr o menor intuito de maguar êstes ou aquêles crentes, pois a darmos crédito ao

Cristo, "Dêus deve ser compreendido em espírito e Verdade", e não sôb fórmas que apenas afirmam estados de cultura, como no caso de "Olorum". da gente da Senzala, que o cultuava na Macumba.

JACY RÊGO BARROS.

Raças e Migrações

VELHAS CONCEPÇÕES — TEORIAS MODÉRNAS — MIGRAÇÃO NORMAL — MIGRAÇÃO FORÇADA

Vélhas concepções: Apresentam-se como nóvas, apenas as hipóteses tendentes a descobrir as leis que regem fenômenos antropológicos ou fatos sociais, tão antigos quanto a cspecie humana, e tão velhos quanto os próprios agregados sociais, e isso porque táis fenômenos e fatos existem desde que o planêta, ingressando em fáse apropriada, permitira o aparecimento da espécie humana, assim como em período mais remoto o havía feito relativamente à eclosão da vída no seio agitado das águas ou na extensão vasta de terreno emergido catastroficamente do seio déssas mêsmas águas.

Se o fenômeno ou fato em aprêço sempre existiu, e conseqùentemente as leis que o regem, assim não se deu, com a maneira de os observar, tôda condicionada ao estado de cultura do grupo social.

Se a simples e limitada superfície do glôbo terrestre se apresentára, em largos milênios na condição nevoenta de profundo mistério, tal como diremos em outro trabalho, de maneira muito mais indecifrável se devêra ter apresentado o problema das origens das espécies aos olhos e à inteligência de nossos remotíssimos antepassados.

O homem, entretanto, não póde contemplar indiferente, e por muito tempo, os fenômenos ou fatos que se desdobram em seu redor; precisa explicá-los e, dentro das possibilidades de sua cultura, os explica e define, em veredicto que satisfáz a mentalidade geral, mêsmo a dos grupos de *élite,* até que nóvos surtos culturais venham pôr em cheque a velha doutrina.

Com a questão das origens dos agrupamentos humanos, tanto quanto com o da própria espécie e dos emolduramentos raciais, assim se déra, e dentro da teogonía o problema fôi pôsto, ao lado de outros tantos mais físicos que psíquicos, jazendo em tais setôres durante cíclos inteiros de civilizações. Se, em tais doutrinas, tudo não éra dito rigorosamente confórme com a realidade teoremática do fenômeno, muita cousa sería proclamada, em perfeita identificação com éssa realidade, e apenas comprovada milênios mais tarde, depois de justificativas outras, que lhes fariam o necessário embasamento.

A mistura íntima das duas ordens de fatos, o biológico e o social, mistura feita pelos eminentes pensadores de antanho, não nos deve espantar, quando apenas quasi nos dias de nóssa cultura é que começamos a perceber a interdependência dos dois feno-

menos sistematizados por disciplinas perfeitamente autonomas, e não a sua confusão.

O Pentatêuco sérve-nos bem de referência para chegarmos ao velho estado cultural, e, portanto, á sua maneira empírica e religiosa de focalizar a questão, e mais ainda o modo de mesclar os dois problemas, biólogico e social.

Na Bíblia, muito embóra o Homem tenha encerrado o cíclo de aparecimento das várias entidades que povôam o Planêta, apresenta-se como sêr á parte do conjunto, tendo a assinalar tal situação a sua inteligência que lhe fizéra grangear do Criadôr a confiança bastante para lhe autorizar que désse nome a quanto bicharôco estava cá por baixo. Ademais, é preciso também notar que, se o homem estava desligado do conjunto da criação, as várias espécies assim também se achavam umas das outras, marcando cada qual um mundo perfeitamente insulado.

E êsse Homem que é Adão, — têrmo que isso mêsmo quer dizer — ,não fica só, tendo pelo próprio Criadôr sido construída Eva, feita de pedaços do colega, incidente que começa a denunciar o aspecto social da cousa, por isso que éssa sub-criação servia para determinar a inferioridade feminina, que o autôr do Pentatêuco quería imprimir á Mulhér que viésse a vivêr no grupo social resultante de sua legislação, lance onde o mencionado autôr, que é Moisés, denuncía oposição formal á situação igualitária que a mulher ao tempo, gozava na sociedade egípcia.

Nas definições do Pentatêuco sôbre as origens da espécie humana — proposições, como é natural,

mais sociais que biológicas, vemos que êle, na feitura de código, não se destina apenas a marcar a posição da mulhér na sociedade, indo muito além, desde que fizera todas as linhas humanas convergir para um determinado pár, que, por isso, se apresenta como célula formativa de um tôdo, lógo de início, perturbado na aludida convergência sôbre o casal formativo do conjunto, dêsde que um dos filhos dêsse casal, sobrevivente ao crime de que fôra autôr, se viéra a casar com alguém que o escríto não indica de onde viéra, desprezando assim as linhas genealógicas, tão rebuscadas mais tarde no próprio Pentatêuco e nos escrítos que se lhe seguiram.

Mais adeante, ainda no Pentatêuco, as perturbações iniciais tendem a ser solucionadas, dêsde que um aguaceiro formidando tudo destroi, surgindo Noé como nôvo elemento central do grupo habilmente salvo por Jevé, pela incapacidade talvêz de recomeçar os trabalhos nos móldes dos dias adâmicos.

Cam, Sem e Jafé, filhos de Noé, serão bem os novos ramos formadôres dos agregados sociais, ramos que, por intermédio do tronco Noé, iriam ao passado, já remóto e um tanto prejudicado pela hipótese do casamento de Caím.

Em qualquer caso, para a civilização judáica, tudo estaria sociologicamente resolvido, dêsde que o abroquelamento adâmico ou noélino, afirmavam a ideia de Humanidade, de conjunto, e mais ainda o sentimento de fraternidade, como conseqùência de um enlaçamento rigorosamente familiar.

As raças firmar-se-iam mais no enlaçamento cultural, — que ao tempo éra quasi exclusivamente religiôso —, que aos aspetos rigorosamente biológicos, hipótese irreal no sentido biológico, embora não de todo absurda, visto que hoje começamos a compreender a importância psicológica dos enlaçamentos culturais.

Mas o Mundo não éra Israel apenas; e, por isso, muito além de seu campo de ação biológico-social, existia gente tendo sistematização cultural, e passado histórico explicado de fórma não menos empírica; da mêsma fórma porém, que para Israel não existiam êsses grupos como entidades marcantes no plano biológico-social, para tais grupos, — fôssem mongóis, tártaros, escandinávos, cabilas, bantús, etc., — Israel também não existia, vivendo assim cada qual em um ambiente tão fechado e tão estreito, quanto o pudesse ser a poligonal de seus conhecimentos.

E' possivel que o alto esoterismo da época, não visse em Adão e Eva um casal construído nos móldes dos oleiros marajuáras, nem tão pouco em Ormuzd e Arhiman dois irmãos brigadôres, tendo tido compreensões mais nítidas sôbre a criação e o encadeamento das espécies; mas não é êsse parecêr que transita para o futuro, pelas duas estradas do conhecimento humano; a filosofía, e a sabença popular.

Na Filosofía mêsmo, ou melhór, nos seus pensadôres, apreciamos declinações sérias, na própria esféra sociológica, em parecêres como o de Aristóteles, imaginando raças, portanto grupos sociais — antropológicos, destinados ao inferiorismo, grupos

que a sua observação localizaría no extremo ocidental da Europa, para onde precisamente se deslocára o eixo da Civilização posterior á de Aristóteles.

Sabemos que essa simples afirmativa escandalizará a quantos, mui mediavamente, ainda hoje não querem tirar de Aristóteles uma simples possibilidade de sabedoria, mas afirmámo-lo, para mostrar que a Filosofia mesma, entrára, na questão racial, no mesmo lugar comum das religiões da época, ou seja, preponderância complèta do aspeto sociológico.

Teorías modérnas: A monogenía, convergindo para um casal, devêra satisfazêr o estado de cultura de um período, que, embóra largo, muitas vêzes milenário, não deixára de representar um cíclo cultural da Humanidade; devêra, mais ainda, têr atendido á finalidade sociológica que o justificára delineando vastíssimos campos de ação de grandes grupos, que, se não eram antropológicos, o foram incontestavelmente socio-culturais.

A doutrina cristã, — não as afirmativas do Cristo, mas a teología posterior —, amplas vêzes se afasta da cultura judáica expressa na Bíblia, onde ela, a doutrina, vae buscar o seu passado histórico em rumo de Jevé, e firmar em princípios o seu embasamento; age de tal sórte, para haurir recursos nóvos, órdem sócio-políticos, no classicismo greco-romano, e por isso não resulta déssa infiltração doutrinária a situação de cheque, "mate ou de pastôr" para o nosso respeitabilissimo Adão, que continuaría sem-

pre a ser sôgro de alguém que não houvéra sido feito na mêsma olaría que êle.

E porque a hipótese adâmica se mantivéra firme na condição de pédra angular do edifício cultural religiôso, marcando o aparecimento do homem, e mais ainda assinalando a sua separação do resto da criação, veremos que Igreja com séde em Roma, cuja sabedoría estava expréssa na Teología, se atira com apologísmos, com dógmas e com excomunhões, — indo até aos morticínios — contra aquêle que ousasse pôr em dúvida, não a vinda de Jesus á Terra, ou a existência de Dêus, mas a procedência de Adão e espôsa.

Por outro lado, largos séculos, aquêle que assim rompesse relações com a família de Adão não tería recursos doutrinários em condições de afastar a hipótese adâmica para alevantar uma outra que lhe fizesse contraste, e não teria recursos, porque lhe faltaria subsídio científico que apenas o século XIX lhe começaria a fornecer.

Até que a teoremática se assenhoreasse do problema das raças, os parecêres a respeito, não passariam de téses doutrinárias, tendo tanto maior aceitação, quanto mais se aproximassem do empírismo clássico, que na Europa sería o de Adão, por causa do cristianismo dominante, fôsse por intermédio da Religião-País, com séde em Roma, ou das várias correntes cristãs reformadas.

Para a completa elucidação do problema das raças, quatro conhecimentos teriam sido necessários: A Geografía que estuda a superfície do Glôbo Ter-

restre, os seus continentes, os seus mares, com os habitantes que se distribuem sobre êsse vasto campo; A Filología que analísa os vários idiomas e a maneira por que êles se entrelaçam e interdependem; a Etnografía que observa como se distribuiram e se consolidaram as civilizações, com os seus usos e costumes, culturas, etc., e finalmente a Antropología, que examina o homem como um sêr animal, fazendo para tanto as necessárias sistematizações zoológicas, a elas ajustando as leis da Biología.

Muito embora, a velha Etnografía não tivesse a precisão científica de nossos dias, aplainando campos para as observações sociológicas, é fóra de dúvida que, das quatro disciplinas aludidas como necessárias á elucidação do problema das raças, foram a Etnografía e a Filología que mais serviços prestaram em outras culturas; a velha Geografía nenhum subsídio trouxéra ao problema, senão as ligeiras e superficiais conclusões dêstes ou daquêles viajantes; assim também a Antropología, então inexistente na condição científica por que a apreciamos, desde que estavam distribuídos na filosofía alguns dos seus enunciados.

Pela razão exposta, não podemos censurar a velha cultura, por ter assentado o problema das raças na Etnografía e na Filología, como o fizera a religião, na religiosividade tudo explicando na Bíblia ou no Zenga vesta.

Não nos admira ainda que, em pleno século XIX Rhode e Pictel tenham se arrimado ás velhas colunas etnográfico-filológicas para construírem seus sis-

temas bem mais literários que científicos, por isso que o embasamento máximo dos pontos de vista dêles era o das famílias linguísticas, sustentando por isso a deslocação ariana anunciada no Zenga-vesta e confirmada pelas afinidades filológicas das línguas europeias com os idiomas asiáticos em cujas fundações as raízes sanscritas vêm á luz, ante qualquer rebuscar mais meticulôso.

Não nos admira ainda que tais princípios pictelianos encontrassem aceitação na cristandade europeia sempre desejosa de mais justificativas que a separassem do judaísmo, que lhe servira de bêrço, pois em outra cultura não nascera o Cristianismo doutrinário, e em outro passado cultural êle não se arrima.

Se em tempos passados alguns séculos eram precisos para que uma escola fôsse substituída por outra, o mesmo não acontece no século XIX; os princípios triunfantes pelas afirmativas de Rhode e Pictel, e aceitos — com uma exaltação a Gobinod — por parte da Cristandade, não resistiram ás descobertas paleontológicas, sendo a arqueologia quem atira a pá de cal em tais pretenções; a arqueologia verdadeira que desce ao próprio período pleistocênio, fazendo inveja á de Pernambuco, ou melhor a seu Instituto Arqueológico, que recua aos domínios holandêzes para exaltar a excelência da colonização portuguêsa.

No princípio, ante os triunfos da antropologia, é o crâneo quem domina, e tudo parece depender dêle; a pouco e pouco, porém, se começa a penetrar mais profundamente no problema, analisando-se diferenciações tanto no sistema ósseo quanto nos próprios

tecidos, partes móles, o que não é de admirar, porquanto na constituição geral tería que influir tanto quanto no pigmento, o meio físico-químico.

A monogenía, que parecêra improcedente, quando o homem foi encontrando homens por tôda a parte, dando assim lugar á poligenia que explicava o aparecimento de homens aqui e além, a monogenía, repitamos, continúa a preocupar o espírito científico, não para convergir as linhas da criação para um casal simbólico, porém para recompôr o espírito de unidade da criação, incontestavelmente partido com a poligenía, encadeamento magnífico de ligação das espécies ou melhor das fórmas, por onde o alto espiritualismo hodiérno afirma que se vai também processando a evolução da monada espiritual.

O embasamento do problema das raças é iniciado, e dêles se incumbem corajosamente, em períodos e meios divérsos, vultos notáveis como Broca, Lineu, Bufon, Blumenbach e Lavrance, ao mesmo tempo que no outro setor, indispensável também á solução do mencionado problema, ou seja a Geografía, Ratzel aprimora outras tantas colunatas que sustentariam a cúpula do edifício, agindo assim com a sistematização da Geografía Humana.

Ante essa nova ordem do conhecimento, a raça não é mais um emolduramento cultural, porque:... "é a continuidade de um típo físico que traduz afinidade de sangue, e apresenta um grupo natural, nada tendo com pôvo, nacionalidade, língua, que são grupos artificiais, não antropológicos, dependendo da História e da Cultura..."

Se o Homem tem o seu primeiro ambiente no Pleistocênio, superior ou não, o seu têrço continental no Sul da Ásia e Norte da África, ou não, e o seu primeiro avô no pitecantropos, erecto ou não, tornase fôra de dúvida que é a antropología quem póde dar o pouco de referência retirável de camadas profundas como sóem sêr as que aí estão sôbre solos e sôbres mares; antropología essa que fêz esbarrar de vêz as pretenções arianas, aos móldes de Pictel, mostrando êsses mesmos árias... "como mistura de povos caucasianos e mesmo mongois, que tiveram unidade de línguas e de instituições..." povos que poderiam ter feito incursões pela Europa, num processo normal de migrações.

Êsse arianismo, todavía, amplos serviços prestára ás questões religiosas; ainda os presta em nossos dias ás questões de Estado, criando atitudes por parte de condutôres destas ou daquélas nações, lances que são verdadeiramente caricátos ante a observação cultural de seus próprios cidadãos que sabem lêr, e por isso também conhecem quais as causas da crise que sacóde o Mundo inteiro.

Migração normal: O deslocamento dos primitivos agregados humanos, — positivados tambem nas outras séries zoológicas — é uma consequência da própria faculdade de movimento que o homem e as mencionadas séries zoológicas possúem, e tambem a da fatal desambientação do grupo com a região ocupada, muitas e muitas vê-

zes devido ás condições climatéricas, e outras tantas por causa da esterilidade do terreno.

A êsse constante movimento, ainda não levantam embargos os recursos de subsídio do grupo representado pelos rebanhos que facilmente os acompanham. Nêsses rebanhos começa a positivar-se um senso de propriedade que, não sendo individual, não deixava de ser propriedade, situação essa que acompanhava o rebanho no grupo a que pertencia, apresentando-se nas mesmas condições em qualquer sítio onde o grupo estancasse, por ter cessado, por algum tempo, o impulso nômade que os havia tangido pelos desertos e campos fóra.

A agricultura é que fixa os grupos ao sólo, cabendo-lhe a missão histórica de transpôr para êsse sólo o senso de propriedade, que vinha abroquelando o grupo nômade na extensão de seus rebanhos, como fôrça complementar do culto, que exercia também faculdade agregadôra, e que, por muito tempo fôra, pelos tratadistas, considerado como elemento único de agregação.

Observando muito antropograficamente o conjunto humano, e constatando as zonas de fixação, como outras tantas de movimento, por onde os grupos transitavam, em busca de concentrações que o senso das breganhas induzia, trazendo consequências políticas, Ratzel conclui que as mencionadas zonas podem ser divididas em duas, as de fixação e as de movimento.

Como em tôdas as disciplinas em sistematização, nascentes ainda, ha uma preocupação dos contempo-

râneos do sistematizadôr da aludida disciplina, em apresentar sub-téses que deminuam um pouco a glória do sistematizadôr, — que por sua vêz exagêra, tudo ajustando a seu sistema, qual se fóra dêle nada existisse —, vemos dar-se com a Geografía Humana a mesma cousa nas proposições de Bhruno e de Vallox objetando a hipótese ratzeliana da existência, no Glôbo Terrestre, de zonas de movimento e de fixação, afirmando quasi o mesmo quando sustentam que há realmente zônas onde predominar fôrças de movimento e de fixação, o que a nosso vêr vem dar quasi no mesmo, porque em raríssimas excepções, como na dos desertos, não há zônas feitas em tabús de eternas marchas, tomando êsse aspeto por causas outras que se ligam ao próprio movimento ou fixação antropo-geográfico.

Em qualquer caso, sejam zônas ou sejam fôrças, o que é inconteste é que os grupos se movimentavam e estancavam de acôrdo com as necessidades físico-sociais do período e da região; assume pois êsse movimento e fixação o caracter marcante de fôrças construtoras das civilizações, criando choques e despertando o senso natural de defêsa, tanto quanto universalizando usos e costumes pela infiltração daquêle grupo que se deslocava, naquêle que houvéra ficado fixo, e por isso mesmo suportára a penetração.

Êsses movimentos constantes, que se ligam á própria história geral da Humanidade, forcejam as mestiçagens, de que resultariam típos raciais, diferentes do que o Mundo houvéra recebido em seu período quaternário, tipos já trabalhados pelos agen-

tes físico-químicos em fáses anteriores, como por exemplo a do pleistocênio superior. Tais mestiçagens clássicas tiram também das raças a caracteristica geográfica, muito continentais, que ainda hoje alguns lhe querem emprestar, assinalando essas raças a posição antropológica que teriam que ocupar não no plano natural, é certo, porque êsse sempre fôra o seu, porém na esfera cultural que muito teria que evolvêr até chegar a não subordinar as classificações raciais, aos fatores etnográficos e filológicos, de que tratamos em página anterior.

Do rumo e direções déssas correntes migratórias, se encarregariam os vários interesses em jogo, tais como: o de breganha — mais tarde de comércio organizado — o de esbôço de indústria, o de agricultura, e, finalmente, o político-social.

Por vêzes, é tamanha a extensão territorial do continente, que as ondas de migração normal se processam, sem que deflagrem choques maiores que os de encontro de duas correntes que marcham no mesmo rumo; há vêzes ,entretanto, em que as correntes de migrações normais de primitivos agregados se encontram com civilizações organizadas, seja porque a corrente normal fizéra descêr de mais os grupos, por qualquer desfixação dêles com o ambiente, ou porque o grupo organizado, na feitura de uma civilização, tenha penetrado demais, no *hinterland,* na febril procura de recursos para o bôjo de sua civilização, onde o equilibrio interno se destruíra por questões sociaes inarredáveis, dividindo os homens numa situação mais áspera e brutal, que a dos grupos em for-

mação, que se encontram e lutam pela posse de um mesmo terreno de fixação. E' êsse precisamente o caso da civilização romana, encontrando os grupos nórdicos; civilização que, ao tempo, tinha sentido o pêso do desequilíbrio social interno, e houvéra imaginado resolvê-lo pela fôrça.

Migração forçada: Não deixam de sêr forçados, tôdos e quaisquer movimentos migratórios, dêsde que é sempre uma contingência fórte que compéle o grupo a abandonar a zôna de fixação em que se encontrava. Denominamos, entretanto, "Migrações forçadas" ás ondas humanas tangidas por impulsos de civilizações organizadas, em suas expansões estadais, assim como também ás desambientações criadas por causas religiósas e não pela exterilidade da zona de fixação, assim como também ás incursões na África, levadas a efeito pelas organizações europeias, no sentido de tanger correntes migratórias africanas, para as Américas, reabilitando assim em regiões distantes as finanças continentais fortemente abaladas no período imediatamente anteriôr ao das formações estadais modernas.

Por largos séculos os movimentos antropo-geográficos da Europa circunscreveram-se ao emolduramento litorâneo do próprio continente, com excepção dos impulsos dados pelas correntes agitadas pelo Islan, nas fortes incursões que facilitaram penetrações pelo Oriente até Vindebono ,atual Viena, e pelo Ocidente até quasi toda a Península Ibérica.

Se as influências de cultura, costumes, etc., lograram atravessar tôdo o continente, como apreciamos em nosso trabalho "Da Escola ao Mundo", assim não sucedêra com o tôdo físico, das correntes maometanas, que se esbarrára nas regiões aludidas com certo recuo, como no caso de Vindebono, aí instalando civilizações que teriam grandes serviços a prestar á Humanidade.

O Cristianismo desdobra-se e fortalece-se mesmo, deixa de sêr a religião dos grupos sociais e esbôços de estado, para se fazer em estado religiôso, religião-país, tendo como chefe um bispo imperador, o Papa, criando éssa nóva situação aspetos também novos para os fenomenos antropo-geográficos do continente, cujas correntes humanas tendiam a uma fixação, apenas alterada em suas próprias locações pelas teias terriveis dos impérios que se formam, que vivem a que desaparecem, como aliás tôdos os organismos biológicos e sociais. Exemplo: a uma Áustria, — hoje província alemã — quando máquina de compressão imperial, não interessa deslocar uns magiares de sua zona, dêsde que aí êles prestarão mais serviços ao império nascente, serviços maiores que se fossem tangidos num processo dos que chamamos "Migração forçada".

O estado religiôso, ou a religião-país, com séde em Roma, nas suas pretenções de império, tão temporal quanto as de outros tantos impérios existidos e por existir, não áge como os demais impérios, circunscrevendo e dominando a zona, feita em zona de fixação, onde êles os dominados se encontram; assim não

áge, então, o estado religioso, porque na condição mesma de religião, não quer somente captar para as suas arcas os recursos dos grupos que domina pela cruz aliada intimamente á espada; e não quer somente isso, porque pretende também crentes e uniformidades de ritos.

Êsse ponto de vista muito próprio de uma religião-país, incentiva a perseguição do dominado, que nada mais tem senão a consciência, por que os recursos tôdos já se transmudaram para a côrte papal ou para seus representantes na posse real da propriedade por parte dos bispos e ordens conventuais.

Enquanto uma arregimentação reformista religiosa-social não se processa no Continente, fôra facil ao Bispo-Imperadôr, a manutenção do conjunto cristão, cujas pretenções sempre esbarravam no setor onde logravam chegar as pretenções do Islan, que, com vantagens sôbre as do Estado religioso papal, se fizera também império poderoso.

Quando a arregimentação reformista, a que nos referimos, se fêz em fato político-religioso no princípio do século XVI, a situação romana muito se modifica, intensificando-se também as lutas e guerras religiosas, feitas em novas forças impulsionadoras de correntes migratórias, das que classificamos de "forçadas", e dessa vêz em rumo a um Nóvo Mundo que surgia aos ólhos do Europêu, ou seja á América.

O continente africano — como todas as grandes extensões territoriais — devêra têr sido tátro de movimentos migratórios dentro de seu próprio campo, movimentos talvêz menos complétos em seu centro,

por causa da própria naturêza topográfica do terreno, impróprio em extensões colossais, para fixações, pela esterilidade, — os desertos. Cumpre ressaltar que aquêle mesmo Islan que tocára a Europa em dois pontos, levando a tôda ela sua influência cultural, que, mesclando-se com a cultura cristã, preparára ambiências para nóvas construções culturais, cumpre dizer, repitamos, que êsse Islan não tocára o continente africano apenas, porque lhe percorrera tôda a zona Norte, alí instalando modos de vida, que se infiltrariam no tôdo nêgro do continente, sendo levado aos extremos pelos movimentos ora normais, ora forçados, como no caso da máquina política que representára o Império de Sudan.

Depois do descobrimento do Novo Mundo, as organizações políticas europeias que ficaram com a *leaderança* dêsse Novo Mundo, não tardam a compreender que precisavam de intensificar, no ambiente de trabalho americano, mais um fator homem, levado para lá, e não de lá, pela razão de sêr mais fácil a dominação do desambientado que a do gentío. Éssa compreensão inspira aos europêus litorâneos, especialmente espanhois e portuguêses, a intensificação do tráfico nêgro, que lhe não fôra dificil, pela dupla razão de terem terras, as americanas, e recursos navais, como pilôtos e como armadores. Éssa incursão europeia não tange as correntes nêgras, mas arranca-as de suas zonas de fixação, levando-as, sabe Dêus como, para as Américas, num processo de migração forçada.

Escravidão Nêgra

NÔVO MUNDO — ESCRAVIDÃO NOS ESTADOS UNIDOS — A ESCRAVIDÃO NO BRASIL — LIBERTAÇÃO JURÍDICA

Nôvo Mundo: Antiqùíssima, embóra, na ordem do aparecimento geológico, a extensa amplidão territorial que separa o oceano Atlântico do Pacífico, recebe o título de Nôvo Mundo, que lhe fôra conferido pelo europêu que se arrojáva aos cruzeiros oceânicos com o intuito único de alcançar um Mundo tão velho quanto o seu, a Ásia, mundo onde encontrásse grupos sociais, em condições de lhe fazerem breganhas aproveitáveis á economia quasi feudal da Europa, onde ainda não se encontravam os alicerces das fórmas político-financeiras de nossos dias.

Êsse Nôvo Mundo, que importunaria bastante os primeiros navegadores espano-portuguêzes — por lhes embargar a livre passagem para as anheladas Índias —, éra um continente portador de mais pos-

sibilidades territoriais e de elementos construtores da futura economía que a Europa, região envaidecida, mesmo no tempo em questão, por se julgar possuidôra de uma civilização superior, que, ao tempo, com cristianismo e tudo, estava em nível inferior ao conseguido em dias outros de projeção cultural da vida greco-romana.

Nêsse Nôvo Mundo não havia apenas florestas, rios, cachoeiras, terrenos para tôdas as culturas, e jazidas de tôdos os minérios, porque havia também habitantes em vários planos sócio-culturais, que iam dêsde as tribus e klans até ás civilizações hinco-astequianas, que os espano-portuguêzes desarticularam, com a brutêza de quem despedaça relicários de preciosidades sociais, agindo assim não sei em nome de que civilização, como não sei em nome de que Dêus, dêsde que nos séculos XVI e XVII já deveria ser tempo de se saber que os morticínios são o ódio, e o ódio não póde coexistir com o amôr que o cristianismo se arróga o direito de propagar, porque em realidade não realiza senão no cíclo fechado de seus irmãos de crença em papalismo.

O europêu de civilização periférica, — pois é selvagem até a medula, sendo a êle que ainda em nossos dias se deve o aprimoramento das guerras e os desvio de tôdas as energías financeiras para o canhão e para o cruzador de batalha —, o europeu, repitamos, déra em tôdos os tempos exuberante prova desse procedimento, cançando-se de sêr perverso nas Américas, para assim jugular a perversidade aborígena; nêsse plano tanto se distinguiram portuguêzes quan-

to espanhois, sendo o caso de se lhes conferir premio de empate; se aqui é um Tomé de Souza, homem prudente e sábio — segundo os livrinhos de escola primária — quem amarra aborígenas a peças de canhão para os fazer em parafrase de projectis, e imprimir assim o senso de autoridade, sempre confundido com o da brutalidade e o da fôrça estúpida; além, no Perú, é um massacre determinado apenas porque o Inca não prestára as devidas atenções á grandeza que lhe éra afirmado existir na Bíblia.

Em qualquer dos casos, porém, seja o dos portuguêzes na Baía, ou o dos espanhois no Perú, nem era a autoridade do Governador nem o prestígio do Evangelho o que estava em jogo, mas o programa preestabelecido de aterrorizar o mais possivel, no sentido de assim ser mais fácil encontrar colaboradores para a extracção do ouro ou da prata; metais que superassem nas arcas espano-portuguêzas a prata que fôsse extraída custosamente das minas de Boémia, e o ouro que viésse a substituir essa mesma prata, com que bastas vêzes tem pelejado em duélos de valorização.

A Europa entretanto que tendia deixar de sêr dos barões e condes feudais, para sêr dos reis absolutos á Luiz XIV, ou do Bispo Imperador, não se apresentava com o ambiente dos melhores, para quem não quizesse viver em constante sobressalto; e, por isso, os dois procéssos migratórios de que tratámos em outras páginas se intensificam, buscando um rumo até então desconhecido, ou seja o Nôvo Mundo... Diziamos que o europêu éra tangido para o além mar

pelos dois processos migratórios, porque entendemos que assim o fôra realmente dêsde que umas correntes se movimentam pela desambientação sócio-economica, e outras se deslocam pelas perseguições religiosas, que tôdo interesse teriam no exôdo, dêsde que, com êsse êxodo não iam as propriedades, acompanhando o grupo na feitura dos clássicos rebanhos, nadando em pleno mar, dêsde que os pequenos barcos seriam poucos para os emigrados pela fôrça das circunstâncias.

Dêsse deslocar de gente, não de grupos, para o Nôvo Mundo, de certo resultaria a formação de uma sociedade euro-americana, de mestiçagem mais ou menos pronunciada, conforme os indivíduos emigrados, menos nos anglo-saxonios e mais nos latinos.

A formação política do Norte e do Sul do Continente americano, seria um pouco diferente, devido mesmo á maneira por que se processára o movimento migratório. No Norte, são empresas que se incumbem do encaminhamento das corrente humanas, empresas como as Companhias de Londres, de Plimouth, etc., instalando assim agrupamentos sociais, que se vão construir sôbre nóvas báses, e buscando destinos diferentes aos de origens, primando mesmo por um renascimento no dia do desembarque, o que vale dizer que efectivando um desligamento compléto com as metrópoles, a quem prestariam obediência mais financeira e fiscal que política. No Sul é o fenomeno um tanto diferente, transplantando-se para aqui parte dos próprios reinos-metrópoles, o que vále dizer seus usos e costumes, referências éssas suficientemen-

te marcantes para assinalarem as distâncias de tendências políticas dos futuros Estados Unidos e das futuras repúblicas sul-americanas.

Escravidão nos Estados Unidos: A nóva gente, que se instála no Norte da América — cria com a sua estadía nóvas zonas de fixação, — tendendo a firmarse no sólo, com os laços normais déssa fixação, que são os da agricultura, não tarda a sentir carência de braços, não obstante o volume da corrente migratória que se processava para aquéla região. Éra tal fenômeno uma consequência mesma da individualização excessiva do recem-chegado ao continente, personagem sempre anciosa por construir uma grande organização sócio-financeira muito pessoal.

Tal dificuldade no plano do trabalho, não seria senão a do prêço por que um emigrado trabalharia para outro, acentuando-se cada vêz mais a carência de braço mencionada acima; foi precisamente por isso que se apresentára como uma salvação o primeiro esbôço de braço adquirido por compra, esbôço assinalado no desembarque de 20 homens prêtos, trazidos como nóva mercadoria por um barco holandêz, que aportára ao litoral americano em Agôsto de 1619. A situação fácil da aquisição dêsse novo fatôr de trabalho, — o homem prêto —, apresenta-se aos que formavam a sociedade euro-americana, como um recurso salvadôr para as expansões agrícolas da colônia, dêsde que o aborígene tendia a fugir sempre do contato do invasôr, sendo mais provável a sua

fuga, no caso de captura e servidão, pelo motivo de a região lhe ser perfeitamente conhecida.

Em breve o nôvo material de trabalho se espalha por tôda a parte, intensificando-se por isso mesmo o tráfico e o comércio dêsse mesmo material, que é o homem preto, que os mercadôres piratas traziam da África, não em processo que classificamos de Migração Forçada, mas por um método extractivo, análogo ao da extracção dos minérios do seio da terra, sendo mais vantajoso que êste, e em tôdos os tempos, porque para tanto não havia necessidade de mais que aportar o veleiro á costa africana, de lá arrancando, em caçada sinistra, quanta prêsa humana encontrasse.

Há pouco mais de duas décadas, morrêra uma preta velha, — a Tereza —, que ainda tivemos oportunidade de conhecer, e, que, tendo os seus 120 anos, bem contava a maneira brutal com que fôra laçada por navegadores, talvêz da Cruz de Cristo, quando ela, a Tereza, então garôta, apanhava amendoins em um terreno a pouca distância do mar.

Ressaltavamos que o glorioso caçador da velha Tereza poderia ter sido nauta da Cruz de Cristo, porque, êsse "cristianismo", que se vae modificando á mercê dos ambientes, não via, ao tempo, na escravidão, nada que pudesse desacreditar um fiel servo de Jesus, esforçando-se mesmo os pensadores teólogos em firmar jurisprudência a respeito, como no caso de Lascasas, que justifica a escravidão nêgra, e a fundamenta na Bíblia, levando os de pigmento fórte a uma ligação inexplicada com Caim, aquêle mesmo

que complicára Adão, com o tal casamento que a Bíblia não diz com quem se realizou. Não abusamos das citações, pelo simples prazer de demonstrar erudição; mas êsse tal negócio de Lascasas, é João Ribeiro quem o narra — o mesmissimo João Ribeiro, que tem uma "História do Brasil" por onde tôdos nós lemos o que se porta á formação dêsse Brasil enorme.

As sociedades não ligadas aos domínios do Bispo Imperador, — por serem de cristianismo reformado, como a Inglêsa —, não vêem na escravidão nada mais que um comércio perfeitamente igual ou superior ao dos carneiros ou quaisquer outros *bicharôcos*.

Nos próprios brazões de nobrêza, êsses mesmos que assinalavam a finura do trato e da sentimentalização religiosa, vemos representados os métodos da escravidão, como no caso de Hwkin, grande em Inglaterra, e cujo escudo representava um prêto amarrado. Dadas essas explicações sôbre a legitimidade moral do tráfico nêgro, será excessivo o dizermos de uma legitimidade correspondente nas normas jurídicas, que tendem sempre a justificar o que é do domínio da conduta geral.

Instalado o tráfico para as colonias norte-americanas, nada mais havia senão intensificá-lo para estabilização do trabalho em tais núcleos sociais, e grandeza dos entrepóstos, como sucedêra com Liverpool, cuja situação de grande empório bem se firma no rendimento obtido pela velha escravatura, e isso para não falarmos das fortunas particulares conquistadas de igual sorte, e que se dirigiam para estas ou

aquelas cidades, que não as centralizadôras do tráfico como poderosos entrepóstos.

Os anglo-saxonicos são menos afins que os famosos portuguêses com os cruzamentos com a raça nêgra, por isso as multidões negras, levadas para a região nórdica do continente, mesclam-se entre élas, ficando numa situação fechada por um perfeito círculo branco, que, como veremos adeante, recebêra mais tarde dêsse grupo nêgro certas influências, e por outras vias que não as do cruzamento biológico.

As colonias americanas evolvem profundamente em senso político, em cultura e em possibilidades, não tardando os seus gloriosos filhos a compreender que a Metrópole nada mais fazia que explorá-las, — compreensão éssa que firmára nos norte-americanos o senso de libertação, que se torna em facto a 4 de Julho de 1777. Surge a República, enlaçando primeiro as 13 colonias, e, depois crecendo com aquisições novas, mas, com éssa República a situação nêgra não se modifica, persistindo até meádo do século posterior, sendo a energia negra ligada á própria estrutura económica do Tôdo. Dividem-se as opiniões a respeito, no próprio conjunto americano, e, em 1860, uma convulsão deflagra tão intensa, que divide o Tôdo em duas fracções, não persistindo assim pelos tempos fóra, graças ao espírito genial de Abrahão Lincoln, que reconciliára o colôsso, inserindo em seu programa político a emancipação negra, medida sábia, tão grande quanto a própria América, e que um fanático não compreende, indo até o crime.

Lincoln é o grande consolidador de uma nacionalidade formidável, que Washington e seus companheiros haviam fundado, e, em tal caso, realizára uma obra bem mais extensa que os limites máximos de uma vida humana; motivo por que, depois dêle, se começa a sentir ainda mais a grandêza em tôdos os aspectos de seu espírito extraordinário.

A Constituição americana, síntese da sabedoría do Congresso de Filadelfia, que, já no século XVII instala uma democracía que ainda está em paralélo com o actual estado social do Mundo, a Constituição de Filadelfia recebe um ligeiro repáro, e ante ela, passa então a ser livre o homem nêgro dos Estados Unidos, que amaría tanto a sua América, como qualquer outro de pigmento menos carregado.

A escravidão no Brasil: Fôsse, embora, diferente a maneira por que se colonizára ésta parte do continente americano, onde se encontra o Brasil, não se apresentára de fórma diferente a carência de braço, impossível de sêr conseguido entre os aborígenes, e na proporção necessária á agricultura, pela mesma razão de fugir êsse aborígene, o quanto possível do contacto do europêu, que se dispunha superá-lo em selvajaria.

A instalação do nôvo comércio de homens pretos para o nosso Brasil, não foi feita, todavía, em plagas nossas, tal como sucedêra no Norte, com a aportagem incidental do navío holandês, e assim não foi, porque a primeira leva dêsses homens-mercadorías foi embarcada para o próprio Portugal em dias de

D. Henrique, em 1442 tendo êsse príncipe reprovado tais ensaios do audaz aventureiro, que era Gelianes.

Em breve, porém, as próprias contingências coloniais exigem do govêrno atitudes diversas, e o comércio do homem nêgro, a princípio reprovado, é finalmente legitimado, consagrando essa legitimação o tributo que o leva a situação paralela ao comércio em geral. (1)

Desta sorte, se encaminha para o além mar a corrente migratória forçada do homem nêgro, vindo a encampar-lhe as variantes do negócio a jurisprudência de tôdos os tempos, que a tudo se amolda, queira ou não, seja ou não de direito, bastando para tanto que a espada o determine; e com êsse "beneplaced" da legislação, entra o homem nêgro a figurar no comércio como qualquer outra positivação da propriedade, fazendo-se acompanhar das necessárias documentações públicas.

Diferente, como apreciamos, a entrada do homem nêgro no Brasil, que ao tempo éra exertía de Portugal, não fôra divérsa a sua actuação aqui, dêsde que se incorporára á economia local, ligando-se á agricultura, como rodagem indispensável a seu funcionamento.

Desliga-se finalmente o Brasil de Portugal, ficando quasi sem possibilidades, á mercê do acáso, no

---

As atitudes do Govêrno Português apresentam-se diferentes nos dias de Antão Gonçalves das assumidas no tempo de GicilIani, não tendo sido isso devido a leviandades dêsse mesmo Govêrno, aprovando um tráfico que lhe parecêra indigno, mas porque as determinantes socio-econômicas assim o exigiam.

mar do destino das nações, contando com o estoicismo de alguns de seus filhos, e tendo a prejudicá-lo todos os prejuízos da monaquía e da descultura metropolitana, que ainda se manifestava entre nós na pessôa de um príncipe, que talvêz tenha sido o fundador da escola do adesismo entre nós, escola que tantos prejuízos tem trazido ás atitudes de nossos homens públicos.

Forma-se a sociedade brasileira, e, tal como acontecêra na organização social do Norte, a escravidão transíta para a sua nóva ordem de cousas.

Espíritos mais esclarecidos, entretanto, começam dêsde cedo a divisar a necessidade da abolição de tal comércio, e por isso clamam em tôdos os sectores por éssa libertação, clamôr inatendido pelos que tinham interesses ligados á agricultura, onde o nêgro não éra um ornamento, mas uma peça indispensável.

Aumenta o grupo dos teóricos que sonham com a emancipação negra, estabelecendo assim confronto de fôrças com o interesse que defendía a escravatura negra, e com a Igreja, que nunca afirmára sêr ela uma perversidade, a não sêr em sermões como os de Vieira, e outros grandes padres, sermões que não se faziam lastro doutrinário, porque não pousavam nos cânones superiores.

Cumpre dizer, para necessária elucidação, que a liberdade éra prègada para o aborígene, pela razão de poder êsse prestar mais serviços ao jesuitismo que o nêgro, francamente estrangeiro nestas paragens,

Três são as fáses da abolição da escravatura negra no Brasil, ou sejam: a real extinção do tráfico, o Ventre Livre e a Abolição Final, tendo cada um dêsses lances como figuras centrais as pessôas de Euzebio Queiroz, Visconde do Rio Branco e da entidade máxima na matéria, que foi a Bancada João Alfredo· Para que a êsse resultado se chegasse, toda a mentalidade nacional se movimentou, especialmente no terceiro período de atuação máxima da literatura geral.

O interesse, pouco apercebido de que a ideologia triunfasse, não se arregimentou, e por isso as grandes lutas não deflagraram.

O Govêrno, por sua vêz, confiando mais no tempo do que o deveria fazer, julgava tudo quasi resolvido com o Ventre Livre, desapercebido, talvêz, de que nêsse período, a sucessão dos fenomenos sociais já começava a acelerar sua rítmica qual quem quer sintonizar-se com a máquina. Porque assim pensasse o Govêrno, teria sido seu parecer quando lhe chegava, na Europa, notícia da conquista da Bancada Ilustre. "Se eu estivesse lá, as cousas se dariam de outra maneira". De que maneira, não sabemos, porque um ano depois êle estava aqui, e não evitou a mudança do regimem...

O que é certo é que, devído a éssa confiança excessiva do Govêrno na morosidade da sucessão dos fenomenos sociais, não se preocupára devidamente em intensificar linhas migratórias já iniciadas, como as de Nova Friburgo e S. Leopoldo, resultando daí um abalo um tanto sério nos capitais realizados na

agricultura, mas que apenas foi de conseqùências intermináveis para os estados imprevidentes em suas cousas de administração, porquanto San-Paulo déra brilhante exemplo de como se poderia fazer a transição sem a catástrofe esperada, ao tempo, e ainda hoje evocada por muita gente.

Em qualquer caso, porém, com projecção na agricultura, ou sem ela, a abolição veio, criando assim para os nascidos no Brasil, uma nóva e mais humana situação em fáce da Lei.

Libertação jurídica: Tendo tido a mesma finalidade, os vários grupos nêgros fixados nas Américas, ou seja, a de fornecer braços á agricultura, apreciamos, — a par de um sofrimento igual — marchas diferentes em rumo da libertação.

Nos Estados Unidos, a libertação negra é uma conseqùência de uma guerra tremenda, resultante de interesses em jogo, guerra que ameaçára a própria unidade da grande nação que ainda ensaiava os seus passos na condição extraordinária de colôsso federal; aqui, no então Império do Brasil, as cousas se passam de maneira diferente, mais jurídicas que militares, por isso que são leis que se sucedem, alterando cada uma delas o estado anterior; a despeito, porém, dessa diferenciação de processos, o lance final de 1888 equivále ao que se seguira em 1860 nos Estados Unidos, dêsde que instala uma nóva situação jurídica para o nêgro, a de liberdade e igualdade perante a Lei, — que, nêsse caso, não abrira mais ex-

cepções aos vários cidadãos pelo simples motivo de origens raciais, que embora não se restrinjam ao pigmento, que lá está na epiderme, visto que se manifesta em tôdo o organismo —, não iria a ponto de criar situações jurídicas especiais, em grandes ambientes sociais, onde as influências psicológicas criarão típos aproximados em cultura e em espírito, muito embora distanciados na côr.

Se um simples artigo de lei — com a sua célebre revogação das disposições em contrário — fôsse suficiente para solucionar casos etnográficos, antropológicos, etc., e mais para superar preconceitos, tudo estaria resolvido no Sul e no Norte, com as duas legislações relativas á emancipação negra: No Norte com um adendo á Constituição, e entre nós com uma legislação especial, logo derrogada com o próprio regime, substituído por outro que se instalára sem a questão negra, no aspecto jurídico, já resolvido cêrca de dois anos antes, em lance final do cíclo abolicionista.

Assim, entretanto, não foi, porque realmente as leis não têm a magía de criar conduta no dia mesmo em que o legislador as promulga, conduta sem fundação histórica que a sustenha, e assim as promulgações abolicionistas do Norte e do Sul do Continente, ou melhor, dos Estados Unidos e do Brasil, não criaram mais que referências para as relações jurídicas entre pretos e brancos, não logrando penetrar na conduta, especialmente na dos brancos que, em tudo e para sempre, pretendiam vêr no libertado um prolongamento de suas senzalas ou de suas cozinhas,

Éra, em tal caso, uma simples Libertação Jurídica, impotente nos Estados Unidos para afastar um centimetro a mancha de "Color-line" de todos os de origem africana, que ainda ficariam no círculo fechado a que aludimos em outras páginas, pela razão mesma da desafinidade com a mestiçagem euro-africana por parte dos elementos formativos das ex-colonias do Norte.

Houvesse, embora, no Brasil a acusação "Color-line", feita em fórmulas nacionais como as de "mulato de capote", de "Cabra de peia", ou na expressão sentencial de "Apertando o couro da barriga, êle berra", apreciamos direcção diversa no fenomeno, devido á mestiçagem pronunciada, de que se encarregaram carinhosamente os senhores de engenho, nosso baronato clássico, que tinha nas "Casas grandes os bastiões centrais de seus feudos; mestiçagem de que também se encarregára o cléro da época com a instalação das comadres, instituto novo para os do Vaticano, e finalmente tôda a portuguesada, que ainda em nossos dias se dedica á especialidade, com a fórma simbólica de crioula, prolongamento da venda da esquina, crioula de cuja instalação no ofício se encarrega o português do leite ou do pão, mestiçagem finalmente de que éra responsável a sentença da época, bem descaladora de todos os impulsos, ou seja a de que além do equador não havia pecado, programa que muito sábiamente Afrânio Peixôto comenta, ofertando-nos assim a chave de todos os fócos irradiadores de mestiçagem, como "Casa Grande", "Sacristias, e vendas da esquina", famosissimas ainda hoje.

O "Color-line entre nós, toma portanto uma situação que bem tangencía ao caricato porque, enquanto é cultuado de um lado, é pôsto em xéque por outro, quando o adversário do "Mulato de Capote" cita como grandes, nesta ou naquela atividade, vultos nacionais como Tobías Barreto, Gonçalves Dias, José do Patrocínio, Juliano Moreira, Marechal Deodoro...

Da existência dêsses mulatos ilustres, não se conclúe que a Libertação Jurídica dos nêgros trouxéra o amparo a tôdos os nêgros, abandonados ao léo, pela libertação, sem capacidade para agir por si sós, e em inferioridade de condições a qualquer corrente emigratória que lograsse vir, como realmente veio, grangeando assim o título de "trambôlhos" e de "trapos", que a Libertação, Jurídica apenas, e não cultural, lhe conferira, de fórma imprevidente.

Dois Ambientes

COSTUMES — CRENÇAS — NOSTALGÍA
— REVOLTA

Costumes: O extenso período da civilização que se expraiára em tôdos os contórnos da amplissima bacía mediterrânea, não fôra suficiente para levar suas influências ao interior de dois dos três grandes continentes que se defrontam, como quem contempla a extensão azul dêsse Mediterrâneo que serviu de teátro a grandes lutas de chóque entre agregados sociais que atingiam níveis vários de cultura e de trabalho.

Se ás regiões nordicas do continente européu, não chegam as influências culturais do extremo Sul, onde a máquina romana se instalava, sendo pelo contrário, dêsse Norte que descem *avalanches* que acabam de desarticular uma romanidade já abalada pelas suas questões sociais, vemos suceder o mesmo no continente africano, sendo apenas divérsos os rumos de penetração, dêsde que, na África é o meridião que

fica atingido pelas influêencias culturais dos grandes grupos mediterrâneos.

Muito antes da civilização romana, que fôra européia, uma outra bem africana se organizára no Egíto, que não lográra penetrações continentais de grande monta, tendo realizado maior número de incursões na Ásia que no grande interior africano, tão afastado e tão distante que se considerava misterioso e inalcançável, servindo-nos de exemplo para êsse conceito a ideia divina que se fazia das regiões de onde vinha o Nilo, rio notável que Erodôto, muito antropo-geográficamente, dizia que houvera construído o Egito.

Se as incursões continentalmente africanas, que foram as da civilização egípcia penetraram mais para o Norte — Ásia e Europa — devido a determinantes antropo-geográficas e imperialistas, que apresentavam maiores vantagens na dominação de grupos euro-asiáticos, não é de admirar que o mesmo tivesse acontecido em dias da civilização romana, cujas penetrações no além Mediterrâneo não iriam muito adeante da extensa região bérbere.

E' de supôr que navegadôres audazes houvessem circundado o colôsso africano em século e civilização milenarmente anterior ao de Vasco da Gama, tal como se admite que houvesse sucedido em dias da civilização egípcia, porém dessas viagens nada mais restaria que um informe da existência de terra alhures; informe proclamado como certeza em dias contemporâneos aos do navegadôr, e levados para o *folk-lore* em períodos posteriores.

E' certo ainda que a civilização maometana se estendera e se instalára solidamente em toda a extensão bérbere, já visitada por outros póvos em períodos diferentes e anteriores aos de Islam, porém todas essas incursões e instalações não levaram senão fragmentos escassos de suas culturas ao todo africano, e isso mesmo na região sudanêsa, que se localiza nas proximidades do extremo setentrional do continente nêgro.

O tôdo continental, entretanto, é povoado, sendo essa enorme população repartida em agregados sociais e em estados culturais não homogêneos, grupos compostos de indivíduos de péle escura, é certo, mas que variam dêsde o bronzeado do etíope até o mais nêgro dos cabindas, indivíduos que, muito exogamicamente, realizam suas mestiçagens em cruzamento fóra do grupo, dentro do tôdo africano, porém com personagens que recuam os seus passados históricos a milénios, tendo assim posições definidas em meio do grande ambiente bio-sociológico. Essas gentes teriam de certo as suas condutas próprias resultantes das relações mantidas entre os indivíduos dentro do grupo, e dêsses grupos entre si.

Se a evolução dêles, lográra substituir a antropofagía, que autorizava a comer em banquetes o vencido, e substituir essa prática pela escravatura, assinalando assim, segundo Hebert Spencer, um progresso no tráto para com os adversários vencidos, vemos que a um resultado paralélo chegaram as populações do Norte do Mediterrâneo, nos dias de intensa romanidade, não se passando além dessa escravatura, mui-

to embora houvessem existido Justinianos, Corpus Juris e mais legislações e pensadôres.

O inverno, grande auxiliar das arrancadas do progresso, exigindo do homem um quê de previsão e de aprimoramento de seu trabalho nos dias estivais, sob pena de implacável sacrifício, êsse inverno inarredável e matemático em seu aparecimento, não existe na Grande África, cumprindo assim ao calôr sem fim a magna missão de não desproteger os de péle escura, missão que sendo magna em aspéto exterior, era perturbadora em sua actuação intrínseca, por afastar dos de péde nêgra o senso da previdência.

Os grupos familiares lá existem, com certêza, senão modelados na maneira monogâmica do cristianismo, porém subordinados a quaisquer métodos poliândricos ou poligínicos, de acôrdo com as determinantes sociais do agrupamento, e naturais da região, como por exemplo por ser sáfara ou fértil.

Se os casamentos dêles, para qualquer direcção conjugal até mesmo a monogamía, que é encontrada também, não se revestem da liturgia cristã ou da fórma jurídica romana, que de tôdo não afastava a ideia de aquisição da mulher pela compra, não devemos concluír, por isso, que eram simples acasalamentos como os de seus leões ou camêlos, porque se subordinavam a ritos especiais, que, em situação marcante ,os presidiam e regulamentavam.

Tendo fauna e flóra própria, o Grande Continente que nos é fronteiro, o trato com essa enorme fauna, e alimentação resultante da mencionada flóra, cria-

ram atitudes diversas do africano em face do meio que viviam, do trato com a caça e com os animais ás próprias maneiras de realização do convívio do homem nêgro em seus grupos sociais.

Crenças: Não podemos rebuscar processos especiais, para a formação gregária das populações africanas, pelo simples motivo de serem elas compostas de indivíduos portadôres de uma péle escura, e mais diferenciações orgânicas que o meio físico-químico determinára. Tais diferenciações ficam no setor das pesquísas biológicas, onde devem estar as questões raciais, e não chegam a criar psíques á parte, de cuja formação a cultura se encarrega, e muito menos atuar na maneira de agregação, subordinadas a sistematizações outras, que desconhecem as divisões biológicas.

A propriedade, o culto e o intercâmbio que, — em expressão bem geométrica, — são os três pontos, não em linha réta, por onde podemos fazer passar a circunferência do progresso, *encontramos* em tôdos os grupos euro-asiáticos, como também nos africanos. Assim sendo, alí, além, pela África em fóra, devera ter existido crença voltada para as mesmas fôrças cósmicas e naturais que impressionaram os euro-asiáticos, e devêra ter existido crença perfeitamente local, sem o menor traço inicial de transplantação, por isso que, o mesmo arco-iris que inspirára o autor do Pentatêuco, e o fizéra vêr como um élo do trânsito da procéla para a bonança, teria sido o mesmo que chamára no mesmo rumo, a atenção africana, apre-

sentando-o como símbolo da mesma cousa, porém com a denominação regional do Oxumaré.

Não somos dos que vêem muito pretenciosamente, nas primitivas sistematizações religiosas — na sua interessante e lendária explicação para tudo — um traço profundo de ignorância que teria de cessar em três lances, que chegaria ao teoremático, depois de ter passado pela metafísica, como nóva incarnação do teológico, e isso porque não é sentencialmente que se anula o etérno rebuscar da filosofia primeira, formulando as suas hipóteses, até que conhecimentos mais robustos descubram a relação de dependência entre êste e aquêle fenomeno, que é precisamente regído pela lei; lei que não criou o fenomeno, mas que é a conseqùência mesma de sua existência. E, assim, cada uma dessas descobertas nos leva mais longe, fazendo evolvêr, com o nosso conhecimento, a ideia própria de Dêus, que, se deixára de ser antropo-mórfico e caprichoso, passára a ser um fóco irradiadôr de energía e da vibração que sustenta em grande rítmica o próprio Universo.

Êsse Dêus que é fonte de irradiação vibratória, por isso mesmo que é Criador, que imprime sua energia ao electron que turbilhona no átomo, e ao astro que gravíta no espaço ilimitado, não é compreendido pelos africanos, eis que aparece Olorum como granteologísmo bem europeu, que o prejudicára humanizando-o para justificar a dualística das fôrças criadoras, e porque não fôra êsse Dêus compreendido pelos africanos, eis que aperece Olorum como grande cúpula de todas as cogitações que seriam de filo-

sofía primeira. Mas, quem é êsse Olorum? E' algo de incriado, que fizera surgir o Céu, a Terra, a pedra, o homem, e que por isso mesmo está em toda a parte assim como também sucedia a Haura-mazda, a Bhrama, a Jeová, a Zêus e finalmente Táu, respectivamente na Pérsia, na Índia, em Israel, na Grécia e na China.

Olorum é tão grande, que não tem cultos especiais; o seu culto é o conjunto de todas as actividades africanas. Assim, porém, os afros não poderiam permanecer, e Olorum desce então aos homens, por intermédio de seus representantes numa hierarquía muito aproximada, com certeza, daquela que êles construiram nos seus esbôços de impérios como os de Sudan, e êsses intermediários são os urixás. Olorum, que em virtude de variantes de pronúncia chega a ser Alorum não é, como pretende Manoel Quirino uma importação islamita, pela razão mesma de ser uma concepção fundamental do teogonismo africano, servindo de grande cúpula a todas as variantes de crenças do continente, sendo por isso mesmo milenarmente anterior á incursão árabe ao longo da região bérbere; póde correr por conta dessa infiltração apenas a corruptela de pronúncia realizando-se assim a finização das duas deidades.

Como vimos, Olorum éra Altura, Grandêza, Esplendor, que, descendo em busca dos homens, se vai materializando mais e mais; é observando essa materialização — onde finalmente assenta a estrutura religiosamente africana — que Brosses classifica de "Fetichismo" como para proclamar que se tratava

de religião assentada em peças materiais, que se faziam divinas em fáce de qualquer processo litúrgico, realizado por pessôas especiais e autorizadas. Não discordamos do têrmo *fetiche* porquanto êle se ajusta perfeitamente ao que era feito, não precisando para essa aceitação de se proceder êsse ou aquêle recuo etimológico para justificar o têrmo em báses latinas. A classificação serve-nos, podendo mesmo passar "em julgado": *fetichismo* é bem a religião assentada em *fetiches,* que são cousas feitas, ou melhor, peças materiais, com fórmas humanas ou não, que se fazem divinas, e que por isso merecem o título de *feitas*.

Queremos apenas chamar a atenção de Brosses para o facto de que, por êsse caminho, êle vae ter não ao Senegal nem ao Sudão somente, porém ao próprio Vaticano, porquanto, embora modelada em tecitura esplêndida, a teología vaticaneana desce ao nivel das populações em qualquer cousa bem próxima do *fetiche,* não em lance de fanatismo destacado, mas em obediência a determinações do Bispo-Imperador. Não exageramos; um crente romano compra uma estatuêta de Jesus, de Nossa Senhora, etc., e o seu tratamento para com ela é o de um bonéco qualquer até o momento em que o sacerdote oficiante a benze, ao passo que, depois, ela, a estatuêta, se convérte em peça divina.

Na grande ordem dos fenomenos naturais, o africano não póde contemplar indiferente o agitadiço de uma tempestade; o raio, centelha de ordem que precipita a tormenta, é bem o símbolo da positivação criadora de Olorum, fôrça em desencadêio, que por

vêses destroi para construír, e por isso o raio entra em plano de culto, com o título de Xangô, entidade análoga ao Vulcano da mitologia greco-romana. Xangô é pois uma divindade a quem se presta culto em liturgías que vão a êle mas não têm o seu nome; é pois errado chamar de Xangô, a êste ou aquêle ambiente afro-religioso. Os fragmentos de meteoro, são os *orixás* poderosos de Xangô, e em seu culto, faz-se um ágape litúrgico em que se come galo e carneiro. E' Dêus poderoso que se não evoca senão das condições prescrítas pela liturgía.

Indo até a destruição, Xangô, todavia, não é o Dêus do Mal, ou melhor, da conduta em desacôrdo com a do meio ambiente, dêsde que em tais civilizações, (e, para que negar?) até em a nossa, onde o crime deixa de o ser quando atende a certas atenuantes do código, ou então quando é o inimigo do grupo, o alvejado.

Exú é, pois, o Dêus do Mal realizando obra em prejuízo da grande construção olorumiana. Exú é Orhiman na Pérsia, é Tifon no Egíto, e Plutão na Grécia, e é o Diabo no Catolicismo. O tratamento litúrgico para com Exú, difere um pouco do que ainda hoje merece o Diabo na Catedral, onde êle, embora referido a cada instante como desencaminhador que ao próprio Dêus desafíia — vide o Evangelho —, não figura no altar senão guindado por San Miguel, talvêz para evitar que faça tropelias e tranquibérnias.

Exú, entre os africanos é mais acatado e temido como realizador do que popularmente chamamos "sessão de atrapalho" e por isso êle tem cerimonial

preludiador de qualquer processo litúrgico para que assim satisfeito não perturbe o trabalho a realizar-se. Ainda o ágape entra em cena, apresentando-se a pipóca, e farinha de dendê como sua boiazinha prediléta. Desprezar-se Exú, será pôr-se em perigo o trabalho tôdo... Chama-se despacho essa merenda posta em esquinas ou cantos de porta, quando o natural ambiente faltar, que é a encruzilhada de caminho, sombría de preferência.

O fenomeno da morte não passa despercebido, como qualquer cousa de inarredável, e Ogum se apresenta como a divindade que lhe preside, em qualquer dos setores, inclusive o da Guerra, sendo por isso comparável na greco-romana a uma méscla de Marte e das Parcas, e no catolicismo a uma mistura de San Sebastião e Nossa Senhora da Bôa Morte. Ogum tem culto especial, não sendo todavia Deus perverso, o que nos leva a crêr que a morte seria considerada fenomeno inarredável da vida, e a guerra outro fenomeno inarredável do conjunto social.

As divindades multiplicam-se com os seus *urixás*, havendo-as para cada espécie da vida ou da Natureza; aí está porque existe Oxosis, Deus dos caçadores, Yemanjas mãe dágua, portanto entidade ordenadora das águas em plano correspondente ao de Minerva.

Cumpre dizer, ainda á guisa de paralélo de crenças, que as uniões sexuais, mesmo a constituitiva das famílias afras, tinham Exú como entidade indutora da atuação funcional, assim como o Catolicismo, nos diz relativamente ao Diabo, trazendo o incidente adâmico como referência dessa diabolização funcional,

que, não podendo ser proscrita sem que a especie periclitasse, é arranjada pelo padre em símbolo, de fórma a fazer do casamento algo fóra da *bagunça,* por ser sacramento. No plano fitolátrico, lá está a gameleira como árvore sagrada, e o dendezeiro como árvore referência de fôrças genéticas. Um pouco diversas as floras afro-americanas, divindades florestais como Dadá não vêm ter ás plagas brasileiras.

Nostalgía: Vivendo em ambiente milenarmente seu, o homem nêgro tem crenças e costumes próprios, não sendo sem grande abalo para a sua psíque, orientada pelo temor de Olorum, que se passa para outro ambiente continental moldando os seus costumes por outros padrões de conduta, que, tomando a seus olhos o feitío de tabús, se fazia bem diversos dos das suas *quigilas* africanas, e finalmente curvando o seu espírito a uma entidade que, tendo as mesmas atribuições de Olorum, não era Olorum, porém Jevé, que a seu turno já não era mais Jevé, porém o Padre Eterno intimamente mesclado a Jesus e ao Espírito Santo.

E' certo que o nêgro lavrador de lá, seria o mesmo nêgro lavrador daqui, mas na condição rude e brutal da gléba, a que êle não chegava em seu país senão nos lances amargos da guerra, ou em outros sociais, como os encontramos em Roma, com o *Corpus Juris* e tudo; se alguns representantes do reino vegetal vêm com o homem nêgro para as plagas americanas, como a bananeira, nem todos o acompanham como a tamareira, o mesmo sucedendo entre os ani-

mais, o que os leva a diferençar, assim, as próprias féras das duas regiões.

Sua crença, que era feita, no além Atlântico, á luz dourada e ardente de um sol rigorosamente africano, e que representava de maneira fiel o moralismo vigente, é, aqui, algo de semelhante ao indecente e ao satânico, tendo que ser feito ás ocultas, como quem perpetra um crime.

Todos êsses fatores, agindo sôbre a psíque do homem nêgro, culturalmente desligado para tôdo o sempre da ambiência de orígem, criariam nessa mesma psíque duas situações distintas, que definiriam a sua situação de escravo, estrangeiro desprezado, desconhecedor de tudo, até do próprio idioma local, situações essas de espírito que foram á nostalgía e á revolta.

Muito embora as diferenciações raciais não se adstrinjam aos ângulos faciais e á cutis, é muito precipitado afirmar-se que a nostalgía fôsse um patrimônio das gente africanas do Centro e do Sul, por isso que quantos assim supõem não contestam a existência da alegria e da tristeza no Egito Clássico, e nas populações bérberes pre-maometanas.

O tráfico e a servidão teriam sido os factores da nostalgía negra, que, em verdade, já não existe mais, no Brasil, onde o que há de mais elegante, no rádio e fóra dêle, é exaltar a mulata e decantar os *dendês* da crioula da Baía.

Como ao velho escravo, nem um surto de esquisofrenía era permitido, sendo curado por processos psiquiátricos ora em desuso para a raça negra, ou seja

o chicote e o tronco, tudo que lhes restava seria o retraimento e a nostalgía, verdadeiros criadores daquêles tipos mais ou menos á esfinge que encontramos nas personagens bem trabalhadas pelo velho Coelho Neto, em seu notável trabalho o Rei Nêgro.

Ao africano aqui chegado, — depois de uma viagem mil vêses infernal, que o tornava bem mais farrapo humano do que gente —, em levas que causavam nôjo á simples contemplação do triste desfile em rumo de armazens numa rua do Piôlho da então Côrte, como bem narra Luiz Edmundo em seu notável livro; ao africano assim chegado, repitamos, nada mais restava que a recordação de uma África, que se perdera qual quem naufrága na amplidão revôlta do mar inquiéto. Os filhos dêsses africanos nascidos no Brasil para gaudio do dono do engenho, que assim assegurava o desenvolvimento da criação humana; essa nova geração nascida sob os auspícios dessa nostalgía, devera ser nostalgica também tendo mais a acrescentar como quantidade constante, o senso de inferioridade absoluta, que lhes faria invejar o próprio boi para quem os tratos senhoriais eram menos ásperos pela razão mesma de não haver no boi um que de raciocínio que lhe permitisse julgar a quanto o homem desce moralmente, quando sóbe sem freios na escala extensa do mando que se distancía tanto da autoridade racional quanto o chicote do incentivo educacional.

No extremo Norte do Continente americano onde o tratamento no nêgro variava do nosso pela abstenção quasi total da mestiçagem branco-negra, não

apreciamos menor o indice nostálgico, muito embora os grandes blocos nêgros quasi permitissem uma africanização relativa do grupo nêgro que teria os seus costumes e crenças alterados pelo branco, forcejando-lhes também variantes na conduta, como veremos adeante. Afirmando essa nostalgía, que parte do íntimo da alma para as alturas siderais, não mais para Olorum, porém para o Deus de Abrahão e de Jesus, um poeta nêgro assim se expressa, interpretando o grupo, em sua tristeza e em sua dúvida da Divina Justiça: "Ser nêgro num tempo destes, ó Senhor Deus, que fizemos nós? (Corrolhers).

Essa expressão é suficiente para nos mostrar que a péle, que nunca abatera o moral dos nêgros de antanho, acabrunha os de nossos dias muito antropogeográficamente insulados em meio de um perfeito oceano de brancos, que, se não eram puros, eram aproximados em côr.

A família, de que o Cristianismo faz praça de ser quasi que o instalador no seio da Humanidade, e que serve de ambiente preparatório da sentimentalização com o cuidado que deve ser dispensado aos filhos, essa família era trapo quando os seus componentes eram afro-brasileiros, repartindo-se as crianças negras, num trágico desrespeito á maternidade, que o Visconde de Rio Branco corrigira, não sem oposições do meio. E depois de assim agir, o branco de então, na maior prova de desamor imaginável, acusava o nêgro de autor granítico desse desamor na brasilidade nascente. E deante disso, que fazer?

Cultivar nostalgicamente a mais fria das indiferenças, ou acalentar nervosamente a mais febril das revoltas.

Revólta: Nem sempre o senso de inferioridade do homem nêgro, resultante da posição social que lhe impunham, lograva transformar-se em nostalgía, num processo de sublimação; pois em vêses várias, de certo para alguns espíritos mais impulsivos, tal senso de inferioridade forcejava o eclodir da revolta, que tomaria aspectos especiais e em conformidade com o meio e com o estado cultural.

Dêsde que faltavam todos os recursos materiais para uma rebelião, e, mais ainda, dêsde que se não fazem rebeliões sem armas, — e o brasileiro *branquissimo* sabe bem disso, visto que até hoje nada fez sem os corpos de exército —, ao nêgro nada mais restava senão o trabalho intenso de vindíta e de sabotagem, realizado dentro das possibilidades .

A religião deles, que, nas extensões africanas, tinha as mesmas finalidades que qualquer outra religião primitiva, assume no Brasil uma situação secreta, reservada apenas para arregimentação de forças psíquicas capazes de perturbar a vida do branco em qualquer dos setores da felicidade dêle.

Como as possibilidades esotéricas não foram privilégios dos cultos euro-asiáticos, o nêgro desligado completamente do eixo da cultura original, recorre á memória dos mais velhos, para recomposição de suas magías, sempre voltadas, ao tempo, para o mal, dês-

de que era em ambiente de ódio e de revólta que êle vivia.

Como, por vêses, os recursos esotéricos falhassem, por falta de conhecimentos técnicos, ou retardo, quando êsses conhecimentos ainda existissem em fragmento, o homem escravo, oprimido pelo duplo senso de inferioridade da côr e da posição social, recorre aos meios físicos mais rápidos, sendo aí que o nôvo factor entra a tomar parte na vingança e entra em cêna sutilmente, sob fórma do venêno, do fragmento de vidro no alimento, e até mesmo no assassínio, como diz ainda o ilustre Coelho Neto no já mencionado Rei Nêgro, onde se ilustra a tragédia negra.

E' certo que a História Brasileira regista um surto de rebelião arregimentada, e de grupo, nos acontecimentos de Palmares, em Pernambuco, porém tal positivação bélica serve apenas para demonstrar o instinto de defêsa contra a posição social vigente, não tendo logrado resultados práticos, senão êsse, e o de mostrar que, de tôdo, o nêgro não era destituído de espírito de iniciativa, muito embora desambientado em todos os aspetos de vida.

A revólta sutil e silenciosa, tipo vêneno, caco de vidro, sabotagem e macumba, produziriam frutos bem mais eficazes que qualquer lance rebelde aos moldes de Palmares, destinado matemáticamente ao fracasso, pela carência compléta de recursos materiais.

O branco brasileiro de então, ainda quasi português, quando não o éra realmente na feitura grosseira e tirânica do reinol, não ergue uma barreira psíquica em condições de se defender contra os lances

da revólta negra, e não ergue, porque desce não ao nêgro mas á negra em *acasalamentos* infames, feitos em meio dos canaviais ou cafezais, pois apenas assim realizados é que se apresentavam romanticos e graciosos.

E' certo que as amantes negras e os filhos delas não se apresentavam nem como amantes nem como filhos do Senhor de Engenho, não passando elas de animais e os filhos delas de simples crias da fazenda.

Tais senhores de engenho, que constituem o nosso baronato clássico, deixavam assim em aberto o grande polígono de seus preconceitos e orgulho de côr, de crença e de costumes. Para não parecer que exageramos, afirmaremos imediatamente algo que se consubstancie no exemplo: O Sr. P. em cidade do interior, homem prôbo, sensato, monogâmico e temente a Deus, que tinha apenas um filho do casal, contava mais de sessenta em vultoso número de negras de sua propriedade ou mesmo de propriedade de vizinhos e amigos; outro também, naquêle Estado Nordestino, o Major U. e em igual período, não somente eleva a cifra filhêsca a número quasi assim, tem episódios tão brutais, com escravas e escravos de todas as idades, que o maior sexologista não poderia prever-lhes a intensidade .

Não quero prosseguir em análise, nêsse caminho, para não chegar a antepassados próximos de muita gente, que se sentára em cadeiras de ministro, ou qualquer outra não menos importante.

E é assim que transita o nosso nêgro até 1888, passando, de então em deante, para o domínio do

tróço, até que a mestiçagem crie, como realmente já criou, nóvos ambientes de hegemonía do mulato.

Nos Estados Unidos, o ambiente sendo diverso, diferente também foi a nostalgía e a revólta... Em página anterior dissemos de um verso que ressalta a nostalgía voltada não para Olorum, porém para Deus. Tendo justificado guerras, como a da Secessão, o grupo nêgro não arregimenta rebeliões parceladas, mas não tarda a descobrir qualquer trilho por onde deveria transitar sua revólta, ou seja o da cultura, caminho corajosamente apontado por Tafiero Washington, cuja biografía transcrevemos em nota á parte. Assim dirigindo sua revólta para a cultura, o nêgro estadunidense cria um nôvo processo de sublimação, e espera pelo triunfo que a brancos e pretos apenas a cultura oferta, ilustrando essa expectatíva a seguinte estrófe que reduzimos a prosa na tradução: "Eu também canto a América; eu sou o mais escuro irmão; êles me mandem comer na cozinha, quando os companheiros chegam, porém eu río, como bem e fico fórte. Amanhã me sentarei á mesa quando os companheiros vierem, e ninguem ousará dizer-me: coma na cozinha. Então, em meio dêles, verão quanto sou bélo, e o farão envergonhados, pois também sou América" (Langston Hughes).

Práticas Religiósas

CULTO — LITURGISMO AFRICANO — AFRO-CATOLICISMO — SAN BENEDITO

Culto: Não seria suficiente, em outros tempos a sistematização dos escassos conhecimentos, arregimentando lendas explicativas de tudo, dêsde as questões de filosofía *Primeira,* aos mais rudimentares fenomenos físicos: havia necessidade premente de sintonizar a conduta do grupo com as determinantes da teogonía onde as próprias relações humanas estavam representadas em escala mais ampla no convívio das divindades.

Essa sistematização da conduta social, perfeita paráfrase da grande conduta sideral, levaria o grupo a realizações várias, que construiriam o culto em cujas linhas mestras assentaria a conduta geral.

O culto não se restringiria a essa sintonização de condutas, a da Terra e a do Céu, por isso que se propunha ao treinamento de fôrças psíquicas; acontece, todavia, que, por vêses, no correr dos séculos, o cul-

to se vai afastando, a pouco e pouco, da conduta do grupo, que, de manso, se modifica, ao sacudir das mais variadas influências, sendo então que êsse culto, desambientado com o meio, se padroniza numa simbolistica, que em nada traduz o que é feito realmente, tal como sucede com o moralismo tradicional.

Nessa hora, ou a crença modifica o seu culto, ou nova crença aparece, delineando embasamento para nóvos cultos.

E assim, de crença em crença, e de culto em culto, vem a Humanidade transitando pelo milênio fóra, esforçando-se incansavelmente para dar novas interpretações a uma coisa que é eternamente a mesma.

Dêsde que o culto se apresenta como demonstração prática e social da crença, compreende-se imediatamente que êle, o culto em uma região, se diferencía do realizado em outra, de acôrdo com as variantes da crença, como também precisa de sistematização de práticas que o uniformizam á mercê do tempo, firmando-se quanto possivel como orientador do regime; é a liturgía que aparece, fazendo-se tanto mais rústica ou bela quanto mais artístico ou atrazado fôr, em seu conjunto, o grupo que a realiza.

A liturgía gravita sempre em redor dos símbolos, como os satélites em volta dos astros que os conduzem pelo espaço fóra, e isso porque é no símbolo que se encontram esteriotipados os princípios fundamentais da crença.

Debalde se afirmaria a necessidade de simplificação litúrgico-simbólica, porque a Humanidade ain-

da não estava em condições de compreender senão simbolicamente o que vae pelo Mundo e pelo Universo. Cumpre dizer, que, mesmo essa simbolística esbarrava com sérias dificuldades para representar certos princípios, tidos, ao tempo, como possíveis, tal como o movimento universal, — apenas visto erradamente, por se imaginar a Terra como centro —, dificuldades pela pobreza da geometría de paralélas, fazendo com que se lançasse mão de referências animais, como no caso da serpente que disposta em três círculos concêntricos, representava o movimento universal. O Autor do Pentatêuco, pensador eminente, muito se esforçára para simplificação litúrgica, não conseguindo grande cousa, porque outros pensadores do mesmo agregado social a aprimoraram, assim como fizera o notável autor dos imortais proverbios da Bíblia.

Se o processo litúrgico, em primitivos tempos pudera ser feito em ambiências naturais, bosques, sopé de mantanhas, etc., com o evolver das edificações não militares, precisa também de ambiência própria surgindo o templo que acompanha, de então em deante, o evolver geral das construções.

Templo e liturgía, são agora os meios incentivadores do regime apresentado pela crença como uma necessidade inarredavel para o áperfeiçoamento das almas.

Sucedem-se as civilizações, e, quando um templo desaba ao sacudir das transformações sociais, levando com êle nórmas de conduta e rítmo de regime, nôvo templo não tarda á ser alevantado graças aos

esfórços de nóvos fiéis, moldado em outra crença, que desce aos homens pela prática de nóva liturgía.

Jesus asseverára que êsses templos e liturgía desapareceriam em tempos remotos, sem que com isso periclitasse a conduta dos agregados sociais de tais períodos, distribuídos ,talvêz em máquinas estadais, e asseverára isso, quando afirmára que a Deus se adorava em espírito e verdade, e mais que os templos de pedra muito pouco valiam. Dois mil anos já se foram e para a maioria dos homens o templo de pedra ainda é uma necessidade bem como a liturgía, o que não importa em se sustentar que o Sublime Jesus houvesse errado, porquanto o verdadeiro altar se encontra no íntimo de nossas conciências, voltadas para Deus, num templo que tem como cúpula o zimborio colossal do céu.

Concentrando o Catolicismo o grosso de sua liturgía em Jesus, vemos que, as próprias referências do passado estão ali, como a do sacrifício religioso, dêsde que a classificação de missa é precisamente a de "Sacrifício não sangrento de que o Cristo é o oficiante e a vítima."

Orientando e conduzindo por vários séculos o Mundo europeu, o Catolicismo leva a simbolística para um grande número de actos rigorosamente civis, com a intenção louvável de lhes emprestar maior e mais reverente respeito.

Na dificuldade tremenda de substituir todas as crenças e liturgías dos meios sociais onde se instalára, o Catolicismo, num processo sincrético encampa crenças e liturgías locais, catolizando-as quanto pos-

sível, no sentido de evitar choques mais fortes que os enfrentados com essa homologação.

Do exposto se conclue que foi a liturgía, sempre inarredável do culto, quem mais assumiu a situação marcante na formação da conduta.

Liturgismo africano: As várias crenças das populações africanas, teriam tido necessidade ,como outras crenças euro-ariáticas, de um culto que sintetizasse, de uma liturgía que sistematizasse e de um ambiente onde êsse culto e liturgía pudessem ser levados á condição positiva de prática.

Êsse culto e liturgía nós os encontramos realmente nas crenças africanas, ajustados, é certo, ás possibilidades culturais dos de pele escura; o ambiente que, entre êles, não chegára a ser templo, acompanhando qual vanguardeiro a evolução arquitetónica, e não chegára a ser templo, porque permanecera na condição de terreiro, mantida mesmo que o culto fosse realizado em um prédio qualquer, situação que lhe não tira a circunspecção de ambiência religiosa, muito embora fetichistica.

Os candomblés, catimbaus e macumbas, representam a estrutura litúrgica dos cultos a serem prestados a Olorum, a Xangô, a Exú, e finalmente a qualquer das divindades representadas pelos urixás.

Tendo essas divindades os seus animais de predilecção para sacrifícios, não nos deve admirar que os mencionados sacrifícios estivessem incorporados ao conjunto litúrgico da cerimonia, sacrifício reali-

zado por pessoa religiosamente autorizada para tanto, em correspondência muito aproximada ao Rabino, que em nome da Bíblia é o sacrificador de *bicharôcos* que servem para *comelaina*. O sacrifício dos mencionados animais, — galo, carneiro, etc. —, levado a efeito em obediência a regras especiais, como por exemplo a que prescrevia ser feito aos primeiros lampejos do Sol, destinar-se-ia a duas finalidades distintas; a da sacratização dos orixás, amuletos e mais calungas com a aspersão do sangue sôbre os mencionados objectos, e o preparo dos ágapes religiosos, destinados ao santo em sua parte espiritual, e aos crentes na parte restante, que era a totalidade da comida, dêsde que o santo em realidade houvera deixado a *boia* toda.

Essas comidas, que são o orgulho da cozinha baíana, entram na liturgía como factor místico-físico de ceremonia, complementares, presididas pelo pai de santo, que orientaria as evocações, ilustradas com orquestração apropriada, ou seja a de instrumentos de percussão, como a cuíca, o atabaque, o ganzá. As danças religiosas são levadas a efeito pelas sacerdotizas auxiliares, ou filhas de santo, que tiveram para chegar a êsse gráu toda uma iniciação complicada, que ia até a depilação completa, pois que o santo não descia em cabeça cabeluda.

Se os bantús, mais localizados entre nós, no Rio, diferenciam um pouco suas práticas, na macumba sulista dos candomblês, vemos em uma observação de conjunto que as diferenças são mais litúrgicas que cultuais, havendo os mesmos eixos principais, como

centro de gravitação do sistema, ou seja Oxogum, Exú, presidindo aos casamentos e uniões sexuais, sob a fórma de lemba, etc. (1)

Um pouco diversas determinadas concepções espirituais dos bantús, do gegê nagôs, como as das transmigrações das almas em cicúitos metempsicósicos, etc., ou de linhas de evolução, como os de umbanda, etc., vemos que tais diferenças descem até ao culto, e se sistematizam na liturgía bantuniana, como encontramos pais de santo, com os seus auxiliares, cambonos, filhas de santo, etc., evocando os zumbis, espíritos familiares, ou então os mungongos, os cangiras etc., entidades mais altas que os familiares comuns.

Como por vêses o meio não africano, porém atacado de frente pelo africanismo, entra em medidas repressivas contra as práticas africanas, o espírito nêgro religioso não se aniquila com isso, realizando, então, cultos mais secretos e iniciáticos que os da macumba vulgar; e surge a *Cábula,* que se constitue em fórma bem mais estérica que a feita nos demais cultos. A *cábula* reintensifica o aspecto fitolátrico do culto, e realiza reuniões, nocturnas e secretas, nas la-

---

(1) Primitivas, embora, as religiões afras, não fogem aos traçados fundamentais das religiões euro-asiáticas, onde, em concepções esotéricas, encontramos o Três, o Sete, etc., referindo-se a decomposições de fôrças cosmogônicas ou de estágios de evolução social.

Em notavel trabalho o Sr. Leadbeater faz considerações interessantes sôbre Sete Raios, como linhas de fôrças atuantes na evolução espiritual, tendo cada um dêles um Chuan á frente, como orientador e mestre; é possivel que as proposições humbandianas pousem nessas teses clássicas.

reiras abertas em redor de árvores sacratizadas, como a gameleira, sessões a que são chamados os componentes do grupo religioso, ou sejam os *camanás;* sessões que têm ritos aproximados das fórmas secretas de religiões outras, que afirmam mesmo qualquer influência islamita, apontando um oriente iniciático que êles não sabem onde realmente se encontra.

A *Cábula,* cuja finalidade cultual é a mesma da Macumba e do Catimbau, dêles difere profundamente nas realizações, com o seu *Umbanda* á frente, dirigindo ceremonias muito sacerdotalmente, no *camucite,* pois êsse é o ambiente. Os *camanás,* os elementos constitutivos dessa comunidade negra, seguem de perto os ritos orientados subsidiariamente pelos *cambonos,* havendo punições tremendas, quando desritimam suas palmas dos aplausos rítmicos, ou então quando se apaga a véla que o *umbanda* faz circular em redor do *camaná.* O castigo é sempre precedido por uma pergunta protocolar, como esta: "Por conta de quem, *camaná* não faz *cajecatú*"... ou seja, se afasta do processo normal do culto.

As mesas diretoras do ceremonial, que se encontram nas sessões cabulistas, e que se acham presentemente em todas as macumbas, mostram-nos uma direção litúrgica bem paraléla á do ritual maçonico.

Quaisquer que sejam as sistematizações litúrgicas dos áfro-brasileiros, na *macumba,* no *catimbáu,* no *camdoblê* ou na *cábula,* presididas pelo pai de santo ou pelo *umbanda* veículando as suas evocações pelas "sete linhas" ou não, evocando *Tatá,* ou *Oxogum,*

nada mais vemos que esboços de primitivas crenças jogadas pela imigração negra ao longo de nosso Brasil aguardando as reações sincréticas, que fatalmente teriam que surgir.

Afro-catolicismo: Confia sempre o dominador mais do que deve na eficiência de suas armas e na estrutura de sua teia jurídica, e aí está porque sempre imagina eternas as suas dominações, e sempre baldados os esforços voltados no sentido de emancipação, e ineficazes as reações psico-sociais. O catequista por sua vêz não se desvia dêsse caminho, e além dos êrros enunciados, confia também mais do que deve nas profissões de fé, que são feitas em massa.

Assim sucedeu no Brasil, onde o catequista não poderia imaginar que reações sincreticas pudessem atacar o tôdo litúrgico do Catolicismo, dêsse mesmo que era religião dos reinos metrópoles, dos países patrões, e que ás colonias enxertías imperiais, como o Brasil, deveria vir num processo de transplantação bruta, devidamente protegida pelas armas e pelas ordenações reais.

Aí está um engano, que a realidade social não deixa durar muito. O Vaticanismo não se constitue de templos vasíos, mas de crentes, e, se nem tôdos os templos de pedra são invadidos pelo africanismo, como o do Bom-Fim na Baía, em todas as populações negras e misticas o africanismo persiste,tendendo a infiltrar-se nas populações reinois, e nas que,

dccendcntcs de reinois, começavam a sedimentar a futura brasilidade.

Por três motivos, o africanismo entre nós não poderia permanecer na sua situação de origem; primeiro, porque os nêgros para aqui deslocados não têm mais ligações com os núcleos africanos; segundo, porque os próprios grupos africanos se entrecruzavam aqui, mesclando maneiras várias de cultuar Olorum e seus companheiros, e, finalmente, terceiro, porque o catolicismo senhorial —, pois a crença ameríndia não era essa porém do reinol — lhe estatuía novas regras a serem levadas a efeito, sob pena das mais terríveis punições.

E' certo que o Vaticanismo teórico, o Teologismo, não recebia influência, lá na Europa, em suas universidades, onde se perdiam dias a fio, para concertar o modo por que Jevé construíra o Mundo em sete dias; é também inegável que o conjunto litúrgico do Catolicismo não se modificára por causa da imigração forçada de nêgros para a América, e, mais ainda, que a autoridade do Bispo Imperador não ficára em cheque, deante dos reis e reinos vassalos dêle, por causa disso; mas o catolicismo prático, realizado pela multidão que lastreava a catolicidade aqui, muito sem autorização do colégio cardinalício, entra a criar variantes, que satisfizessem os passados históricos das multidões negras, chamadas pela necessidade economica a viver para sempre sôbre o sólo brasileiro.

As entidades da macumba não se passam para o altar, a cuja frente o afro-brasileiro se prostrava reverente scm poder crêr, por não penetrar nas suti-

lêzas teológicas, mas num movimento sincrético, as entidades do altar passam-se uma a uma para o *pége* dos cultos africanos, *peges* que são os altares dêles, feitos de pedra, talvêz com a mesma significação simbólica e tumular da famosissima "pedra de ara", deante da qual é um padre quem realiza o sacrifício simbólico da missa, *pai* que representa um estágio sacerdotal apenas mais adeantado que o *pai de santo*, — diretor da ceremonia que não encampava todas as atividades —, nêgro dêsde que aos balalaus eram deixadas algumas prerrogativas, como as do curandeiro religioso. Perpetua-se assim um curandeirismo que ainda está entre nós, dêsde que a carência absoluta dos físicos de então, não condizia com uma carência igual de molestias, que existiam apavorantes dada a deshigienização famosa de tôdos os nossos núcleos urbanos.

E' certo que não houve uma determinação oficial marcando em tal dia e tal mês, a deslocação dêste ou daquêle santo, para a substituição daquêle outro santo africano, que estava no *pége*, representado pelo seu *orixá;* mas, á proporção que o tempo vai apagando as primitivas concepções originais, o santo católico vae insensivelmente substituindo o santo nêgro, sem com isso conseguir modificar a liturgía africana, que sôbre-existe, a-pesar da substituição dos patronos. Foi assim que: Orixalá se identificou com o Senhor do Bom-Fim, entidade que, por sua vêz, o próprio Vaticanismo confundira com o Padre Eterno, que viera em succssão a Jevé; Xangô, é Santa Barbara na Baía, e San-Miguel no Rio; Oxogum, Deus

da guerra, passa a ser Santo António; os orixás femininos das águas são substituídos pelas Nossas Senhôras, que por sua vêz, na teogonía Romana substituiram as forças denominadas femininas ou negativas, não representadas na trindade católica; *yemanjá* é Nossa Senhora do Rosario na Baía, e da Conceição no Rio; e Anamburucú, — a mais velha das *mães dágua* —, é Santana, de certo por ser essa a mãe de Nossa Senhôra que se cultúa com representações da mesma especie, dando-lhe apenas essa situação de mais velha uma superioridade maternal; Omolu é San-Bento, fazendo dêsse organizador monástico um protector contra os bichos peçonhentos; Oxossis, deus caçador, possivelmente cavaleiro, é San-Jorge na Baía, e San-Sebastião no Rio, por causa das maneiras porque são evocados êsses vultos cristãos; a gameleira serve de referência para San-Francisco, e lembra o Santissimo Sacramento; os gênios, entretanto, quc deveriam penetrar em confronto com as dualísticas clássicas de forças formativas do univérso, — dualística mal representada na *Trindade* romana —, assim não fazem, e, ao invés, invadem os domínios dos próprios santos, entronizando na investidura os Santos Cosme c Damião, Ibeje na fórma clássica; Exú é ótimamente substituído pelo Diábo, havendo ainda infiltrações ameríndias, (1) que se confundem com os

---

Os amerindios tinham crenças próprias buscando os mesmos princípios básicos de outras tantas crenças, muito embora tais amerindos não tivessem ainda atingido o trabalho dos metais, lance decisivo no escalonar da civilização. Como em outras partes, recebem as concepções cosmogônicas dos amerindios as várias influências de suas organizações sociais; como na organi-

deuses da caça e com as entidades do próprio *oxossis* e da *caapora*.

Para que não pareça, porém, que o Catolicismo passa indiferente em fáce dêsse sincretismo, trataremos, adeante, de San-Benedito e da famosissima lavagem da Igreja do Bom-Fim, na Baía.

San Benedito: Muito embora sempre resulte, do choque de duas crenças, a vitória da doutrina mais adeantada, não devemos concluir que essa doutrina, sistematizadora da crença mais adeantada, não receba, por sua vêz, influência do credo antigo, influência que por vêses penetra no âmago da própria teogonía, forcejando directrizes doutrinárias diferentissimas do traço do ensinamento original, defendido calorosamente, *e até ao sacrifício* pelo instalador da nova ideia.

Assim se deu com o cristianismo em seu início, embora triunfante, no plano doutrinário, teve que homologar princípios básicos das crenças vencidas, como a da dualística da segunda hipótese da Trindade, fazendo, de Jesus, Deus e Homem, exactamente para, representando o Céu e a Terra, poder representar num

---

zação dêles predominava a linha feminina como eixo principal de sua familia, a predominancia de tal femininação da divindade seria uma consequência.

No Cristianismo essa femininação não existe, e a Virgem Maria, embora culto de primeiro plano, não está na Trindade; cremos que o choque entre as crenças cristiano-amerindias deflagra logo no primeiro confronto por causa dessa diversidade de positivação de fôrças cosmogônicas, não acontecendo o mesmo com Olorum, tão masculino quanto Jeohá, e portanto mais fácil de ser assimilado por êle que uma Guaraci, de atribuições iguais, porém feminina.

feitío novo a velha entidade esotérica; assim se deu tambem com o Cristianismo popular, que não teve forças para aniquilar as velhas divindades, passando-as para seu bojo, muito embora em fórmas *folklóricas,* como no caso das fadas, dos gnomos, etc.

Assim se teria dado rigorosamente aqui no Brasil, se as duas crenças — a do Vaticano e a de Olorum — estivessem mais aproximadas nas suas estruturas teológicas...

Como assim não foi, sendo grande a distância não dos princípios básicos, como vimos, mas das fórmas de culto e de liturgía, e operando-se, além disso, o contacto apenas num setor mínimo de sua atividade no Mundo, e na condição especial de senhor para com escravos deslocados de seu ambiente, apreciamos a ação do processo sincrético quasi que exclusivamente na catolicidade brasileira, tendo aberto algumas exceções regionais na catolicidade central, com séde em Roma.

Se o africanismo não penetra, em todos os templos brasileiros um dêles, o do Bom-Fim, na Baía, é invadido espalhafatosamente, na famosissima *festa da lavagem,* em que eram, feitas orgias em meio de bebedeiras, dentro do próprio templo, esfregadissimo com vassouras de piaçava que a turma agitava entre cantos meio litanías e meio macumbas... Essa festa, índice da mestiçagem cutual da população, tem fim apenas em 1889, graças a determinação do bispo local, D. Luiz Antonio dos Santos, que a tanto se arrojára por não existir mais a escravatura. Convém ressaltar que essa determinação do prelado se em-

parelha com outras tantas do mundo civil, levadas a efeito por tropas de polícia, desentendidas disso e de outras tantas cousas que falam mais á sociologia que ás repressões estonteadas; assim se as vassouras não entram mais no templo do Bom-Fim, os velhos ritos bailam em redor da igreja, profundamente arraigados na psique, aguardando a implacavel ação do tempo e da cultura científica.

Se a ordem do Bispo põe têrmo ás vassouradas no templo, não evita que as festividades de Bom-Fim coincidam com os dias evocativos de Oxalá, assim como os outros santos da igreja, confraternizados pelos nêgros com os seus santos então vencidos pelo teolgismo, mas que aos do teologismo legaram liturgismo e dias de ceremonias pois o africanismo o tinha especial em cada dia da semana, como Exú-Omolú, Anambucurú-Oxumaré, Xangô-Iasan, Oxosis-Ogum, Oxalá, Yemanjú-Ogum, respectivamente na segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira e mais o sabado, reservando-se o domingo para tôdos os *orixás,* como em obediência ou afinidade com o culto dominante que reserva o domingo — festa do senhor, para missas não funerárias.

Do exposto não se conclua que toda a amalgama se passára para o extra-muros do templo, em obediência á determinação do bispo baíano, porque, na Baía, e em toda parte, dentro do tempo e sôbre os altáres, lá está San-Benedito como referência intérna da mestiçagem cultual fantástica, que ía lá fóra.

San-Benedito quasi sempre instalado nos templos de Nossa Senhora do Rosário que, como vimos,

já se encontrava na macumba, substituindo Yeamanjá, San-Benedito, que nunca existiu, mas em cujo redor gravitam duas lendas conhecidissimas, representa perfeitamente como desce a doutrina em rumo das premências sociais, afirmando uma sábia concepção destinada a criar uma referência rigorosamente vaticaniana, que servisse de balsa para as esperanças negras no seio do templo.

Sem San-Benedito — aliado a Nossa Senhora do Rosário, que se fez Yemanjá —, o homem nêgro, cujo culto intrinsecamente nêgro era perseguido como indecente em fáce do círculo senhorial, sentiria ainda mais esmagador o senso de inferioridade já apreciado em outras páginas, por isso que tal senso o seguiria ao tempo. Com San-Benedito, isso se não dá, pois em meio dos brancos êle se encontra, qual delegado geral, da turma, no Céu, abrindo margens a frases como esta, de um sermão: "Para Glória do homem nêgro, Nosso Senhor, que a ninguem desampara, tocou a sua graça o seu servo Benedito". Para que o nêgro não se envaidecesse, entretanto, as duas lendas não o fazem filho de pais nêgros, afirmando a primeira tratar-se de um castigo porque sua genitôra houvera pensado mal de uma comadre, confundindo-se o seu maior milagre — não de fráde mas de leigo —, em dádivas aos pobres, feitas em flores, quando o superior o repreendêra, tal como a lenda de Izabel Rainha de Portugal; e dizendo a segunda lenda, que um fráde, também branco, ficára preto para escapar á perseguição de infieis. Era em qualquer dos casos um santo que confortava, por superintender

os negócios negros no céu, mas não envaideceria o negro, por não ter sido negro. Eis uma sábia lenda, que amplos serviços prestára a estabilização da disciplina da escravatura entre nós.

San-Benedito não existe, e quem o proclama é o próprio "Flós Santorum", onde êle se não encontra, em meio de 14 santos da lêtra B, ou seja: Basílio, Bento, Bráz, Barnabé, Bartolomeu, Bernardino, Bernardo, Bibiano, Boaventura, Bonifácio, Brígida e Bruno.

Dos Imigrantes em Geral

ESBOÇOS DE CIDADE — SENZALA — EM PLANOS DIFERENTES — MESTIÇAGEM BIOLÓGICA

Esbôços da cidade: Se por muitos anos, foi o Brasil abandonado pelas autoridades do Reino de Portugal, não devemos imaginar que tenha cessado êsse abandono e, ao mesmo tempo, se iniciado uma fáse de colonização sistemática, com a simples divisão do vasto território em capitanías, por determinação de um João III qualquer, colonização nos moldes das levadas a efeito pelas Capitanías de Londres, de Plimouth e outras nas regiões não menos vastas, onde se instalam presentemente os Estados Unidos, á frente da Civilização hodierna.

A nossa colonização regular, positivada em surtos inteligentes de localizações migratórias, não começa nos dias da divisão política imaginada por João III, nem a encontramos normalizada em período de século posterior.

Por largo tempo, o Reino não exportára para aqui senão aventureiros, para levarem o que, na região havia de *levavel,* e soldados para garantirem a situação.

Quando, mais tarde, surge o govêrno geral, por premência de defesa do conjunto, onde haviam naufragado capitanías várias, começamos a presenciar agrupamentos presidenciais, determinando a locação das futuras cidades, sempre mal colocadas sob o ponto de vista urbano, pela razão mesma de atenderem os dominadores senhoriais ás solicitações da estrategía da época, bem mais importantes que qualquer outra determinação sociológica.

Mesmo nêsse período de localizações várias na extensão litorânea, ainda não apreciamos um surto que se possa chamar migratório, pois as gentes que vinha ou eram na condição de satélites dos dirigentes, os padres de qualquer qualidade para catequização do aborígene, ou degredado em obediência a determinações punitivas das Ordenações do Reino.

Dentro dos moldes antropo-geográficos, a primeira corrente migratória, forçada, como o dissemos em outra página, corrente que se expraiou pelo nosso Brasil, foi a do homem nêgro das procedências mais variadas do continente africano; correntes, cujas instalações em nosso meio, não se subordinavam aos métodos de migração normal, pela razão de ser considerada apenas como elemento força para o trabalho, força comparável á do vento, e á de qualquer animal, e também por não haver máquinas nem aproveitamento da hulha branca em tal momento.

Dos francêses e holandêses que até nós vieram, pouco ficou, na condição rígida de emigração, pela solução de continuidade das actuações dêles, mais militares que políticas. Restabelecida a unidade portuguêsa por essas regiões afóra, pois ainda não é do Brasil que se trata a êsse tempo, — e a luta para a expulsão de holandêses não era para alevantamento do pavilhão brasileiro que não existia, mas do monopólio português —, volta a colonia á sua primitiva situação fechada, que apenas fôra perturbada pela infiltração espanhola, como consequência das questões luso-espanhólas no continente, infiltração espanhóla que se intensifica e se dirige mais para o Sul, pela razão de existirem colonizações espanhólas no extremo Sul do continente.

Os grupos portuguêses que preferem gravitar em redor dos eixos urbanos, a espalharem-se pelos campos, por serem mais afins com o pequenino comércio que com agricultura, que não seja a sua — oliveira, vinha e legumes —, e também porque, sendo a agricultura regional manejada pelo braço nêgro, um branco que a ela se dedicasse se confundiria com o nêgro em labutas servis.

O primeiro surto emigratório ainda português em rumo do Brasil, é o que chamamos emigração ilhôa, entrada no Brasil em 1774 numa onda imigratória que se localiza no Sul do País, nas zonas litorâneas do Paraná e Santa Catharina.

E' certo que a legislação colonial não fechava sistematicamente as nossas extensões territoriais a quem

não fôsse português, muito dificultava, porém, a colonização de outras procedências.

Com a chegada do fugitivo D. João VI a situação modifica-se radicalmente, pois com a abertura dos portos tudo vem como consequência, inclusive a franquía imigratória, que não se positiva imediatamente, pois essas cousas não se decidem por decretos nem disposições reais; algumas décadas são precisas para que um movimento imigratório se acentuásse, tendo como notável referência o Contráto Gachet em 1818.

Daí por deante a imigração se intensifica, embora com interrupções várias, não tardando a compreenderem os nossos dirigentes que a imigração precisa entrar em todas as nossas programações políticas.

Se por vêses fracassam tentativas, como as da Companhia de Hamburgo, os seus efeitos não desaparecem com o fracasso financeiro da empresa, e em breve se normaliza a imigração alemã e italiana, sucedendo-se a de outras nacionalidades, como polonêsa, etc.

Ao encontro dessa nóva compreensão política brasileira, vêm as convulsões europeias, revolucionárias em uns países, de guerra em outros, e finalmente de direcção de unidade em outros mais; de tudo isso resulta o rebuscar de nóvas plagas, que graças ás providências de nosso Govêrno, como a da Companhia Central de imigração em 1885, passa a ser tanto para os Estados Unidos como para o Brasil, em escala menor para aqui.

Com o correr dos anos, compreendem os grandes da agricultura que o seu capital invertido em nêgros estava em perigo pois a emancipação política do nêgro se aproximava, e entram a amparar-se na imigração, buscando êles mesmos localização em suas fazendas, tal como vinha sucedendo em nucleos urbanos como os de Blumenau, Joinvile, e bem antes houvera acontecido com essa joia fluminense que é Nova Friburgo.

Estava estabelecida a corrente imigratória, faltava agora legislação aprimorada a respeito, que com o tempo se prepára; e, com essa corrente, novos aspetos antropo-geográficos se positivam no Brasil.

Senzala: Deslocado brutalmente de seus nucleos de origem, o nêgro não realizava, em seu novo "habitat" uma instalação análoga á que faziam os nossos primeiros habitantes, fossem êles aventureiros, soldados, padres, ou colonos degradados a princípio, e livres mais tarde. E não realizava o nêgro a adaptação em apreço, pelo motivo de ingressar em nossas plagas dentro da rígida condição de escravo.

Enquanto o soldado, o aventureiro e o colono, ainda o degredado, e depois o livre — da emigração ilhôa em deante, — tinham campos livres a transitar, e ambiência própria para trabalhar quando queriam, e, quanto possível, dentro das expansões individuais, o negro que contemplava o mesmo campo, e a luz do mesmo Sol, não o fazia na condição de igual, o que vale dizer que em observação diversa; e não o fazia

pelo motivo de ser escravo, tendo a esmagá-lo a terrivel impressão da viagem, e de molestias, nêsse cruzeiro adquiridas, quando africano de origem; e referência dêsse cruzeiro com as ampliações da lenda, quando filho de africanos; crias, que eram, da fazenda, que os exportava para aqui e para ali, de acôrdo com as solicitações da praça embrionária.

Nos Estados Nordestinos, por muito tempo valeu mais, que a promessa de uma surra ou tarcia, a simples ameaça de venda para o Sul, sintetizada na expressão "só vendendo êsse patife para o café". Café, em tal caso, não representa horror pelo facto de se destinar o escravo ao plantío da rubiácea, em nada mais amêno que o plantío da cana de açucar; o "café" apavorava, pela maneira brusca da retirada do novo ambiente a que o nêgro se ia afinizando, retirada que não era feita, em hipótese alguma, em grupos familiares, pois nêsse despedaçamento da família negra, se firma a disciplina da época, atitude que, em sinistro recordar dos velhos tempos, não é hoje assumida por empresas fabris do interior do Norte, por causa da sagrada vigilância do Ministério do Trabalho.

Chegados aos pouquissimos nucleos urbanos de nossa extensissima vastidão litorâneo, fosse no Norte ou no Sul dessa extensão, não se destinava o nêgro a outra posição que a de escravo, nem a outra finalidade que não fôsse a de unidade de força para movimentar a engrenagem economica da colonia; e, depois, do Império, — engrenagem que assentava quasi a totalidade de suas peças na agricultura, fundamen-

tando assim suas sólidas bases, delincando o alicerçamento do futuro edifício economico do Brasil.

Afirmem, muito embora diversos comentadores da nossa História Pátria, que os nossos antigos senhores eram uns encantozinhos de doçura, e afirmem-no para justificar a atuação religiosa em seus espíritos, trazendo como um dos exemplos para tal proposição os aforreamentos na pia batismal, — aforreamentos que apenas eram feitos por estarem nos batizandos filhos ou netos dos mencionados senhores —, não tememos sustentar que o mesmo critério das colonias do Norte da América, era seguido entre nós, criterio que se firmava no seguinte: "dentro de cinco ou sete anos de trabalho constante o nêgro está pago, podendo ter baixa sem prejuízo, baixa que seria a morte dêle". Em face dêsse criterio qualquer assistência seria dispensável, porquanto as reservas vitais do negro dariam perfeitamente para vencer o numero de anos de sua decantada compensação financeira.

Sabemos o quanto é alto o coeficiente de adaptabilidade do homem, e não abrindo o negro uma excepção a êsse princípio de adaptação, o escravo preto solicitaria menos cuidados que qualquer das alimárias da fazenda, em cujo meio o gado se encontra, dando vivo exemplo da desadaptação por vir a morrer quando se faz bruscamente a sua deslocação da zona sertanêja para a zona agréste, sem os necessários cuidados veterinários, eventualidade que o nosso matuto chama "mal triste".

O homem negro não ficava ao relento nas fazendas, havendo aldeamentos, Deus sabe como, para os seus pernoites. Da manutenção do grupo escravo se encarrega o senhor do engenho, fazendo-o num sistema de atacado que atende ao conjunto, nutrindo-o para não haver solução de continuidade no plantío, ou na colheita. Se em nossos dias, ainda é o Ministério do Trabalho quem chega mui redentoramente exigindo salubridade de fábricas, mais matadouros que postos de trabalho, imaginemos o que seria a senzala, localização residencial dos nêgros, numa fazenda como por exemplo a do Barão de Arcozêlo, no actual Município de Vassouras, onde cerca de 1.500 escravos consolidavam a estructura financeira de seus domínios.

Os dessas senzalas não eram poucos na extensão brasileira; e, vinte anos depois da extinção do tráfico, ainda entravam novas remessas, o que vale dizer que quasi em dias da legislação Visconde do Rio Branco.

Interrompida a continuidade do tráfico, ou, melhor, suspenso o reabastecimento de escravos, na senzala, o ambiente não se modifica, havendo apenas para compensar a rudeza do trato, umas licenças muito especiais para rememorações africanas em festas que os senhores patrocinavam como elemento de segurança psíquica para êles, festas como os "congos", os "bumbas meu boi", de que trataremos adeante, — festas que, não sendo a macumba, faziam ligações dêsse culto com o ambiente meridiano. Nem tôdos os senhores eram como os Ursulinos da Paraíba, al-

guns havia superiomente bons, e dêles diremos no parágrafo "Mãe Branca". Também, nem tôdos os escravos estão na fazenda, havendo-os igualmente e em larga escala nos meios urbanos, quais grandes retortas para as mestiçagens com os reinois.

Em planos diferentes: Não reconhecendo preconceitos, a Sociologia não póde criar casos especiais em problemas que a biología, mui somaticamente generaliza. Temos que observar de maneira igual as correntes humanas que vieram ter ao Brasil, correntes que as posições sociais separaram, mas que os cruzamentos biológicos e culturais se encarregaram de mesclar.

Fosse, embora, verdadeira essa expectativa de mesclagem, a doutrina social da época em nada a tem na conta das probabilidades, quando referentes ao negro, a quem era reservado um plano inferior ao de quantos vinham ter ao Brasil nas condições já mencionadas de soldado, de aventureiro, de padre, de colôno degredado a princípio, e livre depois, português "ad-inicio" e de outras nacionalidades em seguida.

Não é somente nos engenhos e fazendas que encontramos as localizações senzalianas dos nêgros, pois nos grupos urbanos, dêsde cêdo, êles tambem entram na realização dos serviços inferiores da cidade, a que não desceria o colôno branco, embora de baixa categoria em seu país de origem; cidades onde regorgitava o elemento português, a quem alguns compendiadores de fatos da história atribuem o incentivo

do senso de unidade do que mais tarde se fez em Brasil, como se êsse senso de unidade houvesse sido uma criação portuguêsa, não tendo existido antes das lutas de Nuno Álvares nem depois dos dias de D. Manoel I.

Estivesse o nêgro no campo ou na cidade, entre homens de Portugal ou de qualquer outra procedência, a sua posição não varía, não faltando portanto o senso de inferioridade com as consequentes sublimações para a nostalgía ou para a revolta sem possibilidades de positivação militar, o que tambem não nos deve admirar e fazer concluir pela execrabilidade do negro, dêsde que casos como os da Polonia, bem branca e bem européia, e também da Tcheco-Slovaquia, precisam de séculos e de convulsões como a de 1914 para o arrebentamento de uma inferioridade política inqualificavel destinada ao engrandecimento de impérios absorventes.

Fosse embora precarissima a disseminação cultural na colonia, é inconteste que o fato de ser português ou mesmo brasileiro não coincidia com a ausência de liberdade, e mais que isso de autoridade sôbre qualquer homem nêgro, que algumas centenas de cruzados lhe permitissem adquirir.

Por outro lado as colonizações regulares, que, como vimos, têm sua fáse inicial na imigração ilhôa, crias novos setores de atividade onde o negro não tem acesso, ou se o tem é em escala pequenissima, apenas nos nucleos portuguêses, porquanto os nucleos alemães, suissos, polonêses, etc., não tendo horror á agricultura local como sucedera ao português, a ela

se atiram, não na escala das grandes fazendas já existentes e mais dos engenhos, porém, numa situação não menos eficiente, por ser feita com conhecimentos mais amplos, e tambem com garantias ofertadas pelos poderes públicos ,o que fazia de cada trabalhador alemão, suisso, polonês, etc., um homem de espírito erguido e de saúde protegida.

A brasilidade, essa mesma que é hoje "leit-motiv" de todas as discussões, não é uma consequência histórica das atitudes lusas de chefes portuguêses a expulsar holandêses de Pernambuco, nem uma resultante da brutalidade ainda portuguêsa de um Luiz do Rêgo, indo a todo o requinte de perversidade para sacrificar um republicanismo nascente, do Nordeste; a brasilidade não é isso apenas que muito *exôda* portugalismo, porque está no conjunto de todas as atividades trazidas a essa região da América do Sul, atividades essas tanto dos aborígenes quanto dos portuguêses, os da colonização ilhôa ou de qualquer outra corrente, mais os alemães de Blumenau, dos Suiços de Nova Friburgo, não fugindo a êsse cíclo de trabalho fecundo as multidões negras espalhadas em várias zonas brasileiras.

Falta-nos autoridade para abrir excepções nessa grande conjugação de atividades, afastando os de péle escura, dêsse concerto, apenas numa literatura á Gabinod; e não abrimos realmente essa excepção nem para aqui onde a mestiçagem tudo caldeou, nem para os Estados Unidos onde a mestiçagem veio por outros caminhos, porém veio e triunfou nos Estados Unidos e no Mundo...

Afirmam-nos os dados estatísticos que de 1850 a 1905, cêrca de dois milhões de imigrantes de várias procedências, entraram em nosso país, porcentagem bastante grande para criar diretrizes culturais num ambiente social como realmente sucedeu em diversos dos nossos Estados do Sul; pois bem, a legislação João Alfredo, aquela que deu a emancipação jurídica aos nêgros encontra, espalhados pela extensão do sólo brasileiro, cerca de dois milhões de escravos. Ora, em face dos princípios basilares da geografía humana, da etnografía, etc., seria absurdo supôr que tamanha multidão, com os seus passados culturais, não exercesse influência nos ambientes sociais onde se encontrasse pelo simples motivo de serem pretos os elementos dêsses grandes blócos humanos, sem as linhas mestras de agregados devidamente organizados.

A influência manifèstou-se, e não poderia deixar de ser assim, criando casos dentro da filología, da etnografía, e mais forças actuantes na formação da sociedade brasileira.

A libertação jurídica, entretanto, não indo ao ponto de determinar como se havia de formar a cultura do libertado, deixa-o a margem do caminho como um trambôlho destinado a uma nova inferioridade, que era a de incapacidade de trabalho, em confronto com os métodos aplicados pelos que os traziam de povos secularmente trabalhados.

Daí, até que se reambientem os nêgros e mulatos, muito tempo é necessário, durante o qual a população branca lhes confére diariamente o título de

imbecís, título que nos caberia também, muito embora brancos, se não tivessemos cultura e técnica.

Mestiçagem biológica

Não havendo insulamentos antropo-geográficos, como os que se efectuaram nos Estados Unidos, nem tão pouco determinações anti-exogâmicas, seria fatal o encruzamento das duas populações que se defrontavam entre os dois grupos, com a inevitavel mestiçagem biológica em quantidade constante de consequência inevitável.

E' pois o mestiço que aparece, como entidade intermediária bem marcante no conjunto etnográfico brasileiro, que o elemento branco apelidava de Mulato de Capote, talvêz para assinalar come ssa denominação as pretenções do mestiço, voltadas no sentido de sêr *gente* como os portuguêses, ou então como os filhos dêles, já brasileiros.

Por muito tempo, os tipos raciais foram identificados apenas pela coloração da pele, imaginando-se nessas mesmas colorações as barreiras diferenciais dos tipos de raça, barreiras que completariam outras de ordem psíquica e cultural, que, por sua vêz assinalavam outras tantas diferenças e inferioridades, como veremos adeante. Como determinadas colorações dominavam em certos continentes, vemos que os próprios continentes recebem de seus habitantes ou da maioria dêles o título correspondentes da coloração dos mencionados habitantes, havendo assim continente nêgro, e também amarelo.

Com o correr do tempo, o conhecimento humano vae evolvendo, logrando-se sistematizações teoremáticas, que facilitariam a compreensão de problemas mais biológicos que etnográficos e etnológicos, e em face de tais conhecimentos, não se tarda em classificar a estrutura óssea como determinante mais decisiva para as caracteristicas raciais; é a antropología que se alevanta como disciplina maior, em condições de orientar o problema, profundamente perturbado na Europa, com a intromissão da literatura em domínios que não são os dela, como no caso das proposições picteliana, já referidas em outra página. Da doutrina do crâneo tudo vae depender, e ela, que destruíra as literárias pretenções arianas na Europa, — que ainda deixam largos lucros estadais para muitos —, intervém no mundo nêgro onde encontra inúmeros casos a qualificar, como realmente o fizéra, não tardando a entrar em excessos, como acontece com toda disciplina triunfante, imaginando tudo subordinado a seus princípios, ou mesmo leis, que, sendo embora reais, não são para tôdos os casos humanos e sociais.

O cérebro — que permanecêra muitas décadas como entidade única para explicar as reações da psíque, até que novas observações apresentassem o resto do organismo como tendo parte nessa mesma psique, dentro da própria hipótese da alma sinérgica, materialismo portanto —, o cérebro também toma, por espaço dessas mesmas décadas, a deanteira dos problemas raciais, revelando diferenças quasi exclusiva-

mente pelas linhas craneanas, tal como em outros tempos o fizera a coloração da pele.

O conhecimento humano em seu eterno rebuscar, não estanca, e por isso o problema racial não se tem por satisfeito nem com as literaturas armadas para a arianização da Europa, nem com a craneometría exclusiva, e por isso entra a examinar tôdo o organismo de cada tipo, encontrando diferenças não só no sistema ósseo, como tambem nos diversos tecidos, partes moles, etc., condições que, não somente afirmam intervenções várias nos organismos de tais tipos pelos meios físico-químicos de seus ambientes, como tambem justificam atitudes assumidas por êsses tipos nos mencionados meios.

Proclamam essa verdade em trabalho magistral as palavras por tôdos os títulos autorizadas de Lester e Millod em seu recente trabalho sôbre raças, onde são discriminados os órgãos mais resistentes nêste e naquêle tipo racial, como no caso, por exemplo, do prôprio apêndice, muito mais vulnerável na raça branca que na raça negra.

De agora por deante, os indivíduos, — não mais observados de acôrdo com as prescripções filológicas, nem com as determinações etnográficas, porém de uma fórma somática —, poderão ser estudados com precisão científica, prevendo-se quais as reacções dos novos meios, que não os de origem dos mencionados indivíduos, e quais as posições biológicas assumidas pelos tipos intermediários, de que nós, no Brasil, somos representantes em escala colossal.

Cumpre ressaltar que a mestiçagem não se processa simplesmente quando os autores da gestação foram um preto e uma branca, ou vice-versa, podendo-se considerar mesclagem análoga quando raças ou povos diferentes agem de igual sorte, como por exemplo um polonês e um italiano, ou então um japonês com uma francêsa ou qualquer dêsses com o aborígene.

Dada a intensificação da corrente migratória para o Sul do País, e os resquícios da velha imigração negra no Norte e centro — Minas e Estado do Rio — o pardo, *cabra* no nordeste e *mulato* de capote de tempos idos, vae desaparecendo no Sul e espalhando-se assustadoramente nos mencionados Estados, e mesmo no Distrito Federal, para onde os vários pardos dos mencionados Estados do Norte se dirigem em busca de actividades.

O Prof. De Fontains, eminente antropo-geógrafo que dirige essa disciplina na Universidade do Distrito Federal, em conferência feita em Paris no dia 15 de Fevereiro diz que — "O Estado de San Paulo, assegura hoje ao Brasil a predominância da raça branca, o que constitue uma grande esperança para a civilização europeia..." Tal parecer que é verdadeiro, e conforme com o que dissemos nêste mesmo parágrafo, não nos alegra, por vermos a confirmação do título de "Mulatada de Tamanco" que os paulistas já conferiram aos do Rio, não por ciência, é certo, mas devido a regionalismos que a constituição atual tende a fazer cessar.

Cultura e Sentimento

MESTIÇAGEM PSÍQUICA — FOLK-LORE — MÃE PRETA — MÃE BRANCA

Mestiçagem psíquica: Imaginando os nossos antepassados que a cultura se resumisse naquilo que — em processo de instrução — nos fôsse revelado na Universidade de Coimbra ou em qualquer Seminário, e nos fôsse revelado nos moldes das disciplinas de outróra, não podiam esperar que aquelas unidades de força, importadas para a agricultura, sob a fórma de homens nêgros, fôssem portadores de qualquer porcentagem cultural, suficientemente activa, para ter possibilidades de infiltração no meio ambiente; a mestiçagem para êles, estaria adstrita ao aspeto biológico do problema, não ofertando ao meio social senão mulatos de capóte, cabras de peia, curibócas, crioulos ou mamelucos, indivíduos que, em obediência ás leis civís e religiósas estariam tanto quanto os nêgros azeviche sugeitos á impulsão formativa do

cristianismo, e também do monarquismo português. Infiltração cultural de que especie, diriam êles, se o meu escravo não frequentou escolas catedrais, universidades ou Seminários, nem tão pouco tem forças para arraigar no Engenho as suas práticas macumbianas, estando além disso desligado de Olorum pelo batismo católico que o iniciou em vida nova, toda Cristã.

Essa observação ligeira não vae absolutamente á guisa de censura dêsses mesmos antepassados, desconhecedores como eram das modernas concepções de cultura que, como a de Clark Wissler, assim se classifica... "Cultura não quer dizer gráu de superioridade de um indivíduo ou de um grupo, e isso em relação a outro; toda a sociedade, mesmo a mais atrazada, tem a sua cultura revelada pelas suas inúmeras atividades e práticas diárias..."

Ora, em face dêsse parecer, que é o conforme com o conhecimento atual; percebemos que, embora sem cristianismo e com pronunciadissima pigmentação na pele além de outras tantas diferenças orgânicas, o africano era portador de uma cultura representada pelas suas crenças, pelos seus hábitos, por suas práticas diárias.

Se os nêgros trazem para o Brasil os seus *fetiches* e *urichás,* como referências de suas crenças, cultos e liturgías, e mais ainda o *totem,* como outras tantas referências de sistematizações sociais, e não tendo mais o catolicismo essa estrutura totêmica, substituída por doutrinas políticas bem mais perfeitas, e tendo referências, e não tendo também *fetiches* na

condição rigorosa da classificação já mencionada, muito embora o seu culto dos santos venha ás massas populares em formações idolátricas, será ingênuo o imaginar-se que, pelo simples fato de estar o cristão no posto de mando, de senhor, embora em expressão numérica inferior, não recebesse do preto determinadas influências, vindas diretamente como entre nós, por uma intervenção forte e desmascarada, como a demonstrada no parágrafo "afro-catolicismo", ou de maneira indireta como a efetividade nos atuais Estados Unidos.

Preceitos que não estão na Bíblia, que não foram defendidos pelos teólogos ou *leaderes* culturais do vaticanismo, entram sob a fórma de quizilas na usança do cristão brasileiro, induzindo a um sertanejo a evitar a Gameleira em horas avançadas da noite, não porque lá esteja o diabo em qualquer gnomo da Europa Central, porém, porque lá deve estar cucurutado o respeitabilissimo Exú, presidindo assembléias malignas, ilustrando êsse receio todas as histórias de compadre rico e de compadre pobre.

O africanismo intervém na própria mística extra-macumbiana, e assim o crente romano, vae desferir uma reza, muito forte, dirigida a Nossa Senhora, esquecido de que Reza, é uma divindade negra, que não poderá aliar-se a Nossa Senhora, a menos que ela tenha passado a ser Yemanjá.

Nos domínios da filología, tanto quanto nos da etnografía — instalando modos de acção do grupo —, vemos intervir também a mencionada mestiçagem, fazendo inserir têrmos novos e construções diferen-

tes, que não sendo do português camoniano, era entretanto a maneira por que se entendiam os homens que labutavam no Brasil, trabalhando até cairem de cansados sôbre a extensão avermelhada do sólo onde teriam que vicejar os cafezais. Aí está um êrro, um perfeito assalto ao português, bradaria um Pinheiro Chagas, aquêle mesmo que arrimado a um classicismo insustentável proclamava que o Eça de Queiroz não tinha sintaxe, mas a êsses Pinheiros Chagas, que ainda vão por aí, diremos que os idiomas são construções dos grandes agregados, cabendo aos gramáticos apenas sistematizar as maneiras gerais das concordâncias, e aos filólogos as ligações do idioma nascente com os outros que lhe deram origem.

Não sendo os habitantes do Brasil apenas os Duartes Coelhos, os Tomés de Souza, e mais vultos á Antonio Marís, é certo que nos domínios históricos brasileiros outros passados se apresentam, que não os de Nuno Álvares, resultando de tudo isso as várias linhas de força da história atuantes todas, no todo em formação, que seria futuramente a sociedade brasileira.

Horror, bradarão êstes ou aquêles, com inflexões soturnas á Gobinod ou á Pinheiro Chagas, como se póde formar uma nação assim sôbre tamanha amálgama?

Mas a êsses precursores das medições antro-pométricas hitlerianas, para arianização não só da Germânia, mas até de uma Prussia bem eslava, diremos que não foi em cadinho diferente que se construiu o que lá está na Europa, vaidosamente apresentando

uma pureza que apenas fala aos *trouxas*, ou aos que por qualquer conveniência não pódem ou não devem falar.

Folk-Lore: A mesclagem cultural não ficaria apenas nos indivíduos destacadamente; êsses em grupo, teriam que a positivar em sistematizações gerais de cultura original, que pairava por traz da mestiçagem feita, e essas linhas mestras, representando tais culturas, como sintese de suas expressões máximas sem representarem, a modo de conduta da época, o moralismo prático portanto, dão a entender que as raízes de cada árvore cultural, a cuja fronde complicadissima a população se abriga: é o "folk-lore", ou sabedoria popular que assim aparece, com enorme e extranha moldura, que circunscrve as actividades do tôdo.

Da mesma fórma que o Cristianismo, no seio da Europa, não teve forças para aniquilar o espírito popular, revelador de culturas anteriores á do cristianismo em questão, e recebera como afirmativas populares de cultura, toda uma sabença, tais como as fadas, os gnomos, os bruxos, teologizando algumas, como os vários cultos de Nossa Senhora, o culto de San Cristóvam, bem representando as concepções dos gigantes, e finalmente liturgizando entre as suas venerandas ceremonias — como o proclamam seus bispos —, festas que nunca foram cristãs, como as de Tharann nas Gálias, passando-as para São João, etc., assim também se deu nas Américas, sendo outras

apenas as forças culturais atuantes: as aborígenes e as africanas.

Os autos populares, que exerceram por largos tempos a situação de teátro, autos que vêm ter ao Brasil, decantando e descrevendo situações religiosas e históricas do dominador, mesclam-se, de certo, a crenças e passados históricos do homem nêgro, como no caso dos reisados onde ao lado do rei mouro e do rei cristão, se apresentam reis sudanêses, assaltos a fortins, etc.

Se o Congo e o Quilombo nos levam a antecedentes africanos e a Nau Catarinêta nos faz recuar aos nucleos metropolitanos, uns e outros representam autos populares, de mais importância histórica que as representações feitas pelos Jesuítas, com o fim exclusivo de melhorarem o ambiente de catequése.

Nêsses reisados não se resumem as representações históricas do mundo nêgro, aparecendo também o "Bumba meu boi", ou Boi bumbá", como recuo arrojado em rumo dos períodos em que o *totem* fôra um sistema social de grande eficiência, *totem,* que sendo emblema, pois é isso que significa, se diferencía do *fetiche* por ser geralmente representado por animais ou plantas, tendo mesmo finalidades diferentes das do *fetiche,* que como vimos fôra referência cultual, enquanto o *totem* é representação de abroquelamento social.

No "Bumba meu Boi" portanto, se representa perfeitamente o cíclo totêmico, sem a eficiência dos seus dias de atuação, estando mesmo um tanto aliado á estrutura cultual, referindo-se como realmente

se refere á morte, vida, e ressureição do boi, cíclo que, de maneira mais perfeita, é representado em crenças onde o toteismo já se não encontra, a menos que queiramos tudo levar até êle, como na proposição freudiana.

O "Bumba meu Boi", Congo, etc., tem os seus cantos próprios, tanto quanto também os possuem as liturgías macumbianas, e assim como nos domínios da filología os vocábulos vão a pouco e pouco intervindo na linguagem até influenciarem na própria construção sintática, assim tambem nos meandros da arte os acórdes e rítmos vão passando para o grande meio, onde a música ainda não estava devidamente robustecida, não sendo suficiente a resistência do canto gregoriano para enfrentar a incursão violenta de duas correntes musicais vindas da macumba e dos reisados.

Mas não é apenas o canto gregoriano que o grande ambiente possue, outras fráses musicais alí estão, menos rebeldes a um consórcio com o rítmo africano, e essa fráse musical é a dos cantos portuguêses, que em união com os mencionados rítmos, chegam ao nosso samba, depois de terem experimentado inúmeras variantes como a do chôro, do lundú, etc.

Na literatura a osmóse se processa também; ao lado, *pari passu* com os gnomos, fadas ,etc., vemos formarem as caaporas e yáras, por conta do ameríndio, e os lobisomens e yemanjás por conta dos afros.

Por muito tempo, induziu-nos nosso orgulho, a ocultar todas essas verdades; certos instrumentos, em-

blemas dessas transições musicais, como o violão, estiveram por muito tempo proscritos dos nossos meios musicais como elementos perturbadores de nossa brasilidade. Glórias scjam dadas aos Nina Rodrigues, aos Artures Ramos, aos Lorenços Fernandez, aos Vilas-Lôbos, aos Marios de Andrades, aos Hœckels Tavares, e tantos outros, que nos vários setores da cultura brasileira, mostraram os alicerces afro-ameríndios que complctaram as linhas apontadas pelas pedras angulares trazidas pelos europeus a êsse enorme c amado Brasil.

Nos Estados Unidos, como dissemos em outro lugar, o processo de infiltração não foi pela mestiçagem biológica, agindo por isso mesmo, com energía maior, a infiltração cultural, não escapando as representações totêmicas na dança da raposa (fox) e num sem número de atitudes e costumes hoje americanos e do mundo inteiro que foram dos nêgros, inclusive o de remeximento das ancas de quantas jovens querem passar como vaporosas. O *jazz,* emblema da orqucstração atual, tem suas raízes na ritmica afro-ameríndia, trazendo como demonstração de sua força, e para o seio de sua bulhenta ritmica, todos os acórdes da música clássica, que assim lhe pede auxílio para a devida popularização.

Tôdo êsse saber e sentimento popular, tomando fórma poetica, lastreia o enorme cancioneiro do nosso povo, onde cncontramos não somente sentimento nostálgico, aludido em outro parágrafo, como também o sentimento de revólta sublimado, por vêses, em expressões de desprezo pela raça branca, externados

pelo nêgro num cancioneiro, onde o branco áge da mesma sorte.

Resultam dessas duplas agressões, os cantos ao desafio, que ainda hoje nos deleitam nas programações especializadas de nosso "broadcasting". Se o sertanejo branco diz, por exemplo, que — "Nêgo em pé é um tôco, e deitado é um pôrco", que "nêgo não se amunta, se escancha", que "nêgo não tem cara, tem fucim", que "não se casa, se ajunta", etc., — vemos que o nêgro responde na mesma escala, e dentro da mesma toáda, revidando êsses insultos quando saca outros tantos de igual categoria como: "Isso de côr é bobage, a côr branca é vaidade: o homem só se conhece por sua capacidade, pela pronunça corréta e pela moralidade".

Essas fórmas literárias do povo, que vêm até nós pelo desafio, pela embolada, etc., arrimadas a um canto que não é europeu, ou que do europeu tem porcentagem pequena, tomando por empréstimo algumas fráses musicais, ou rítmos, como no caso do samba de nossos dias, verdadeira tristeza emoldurada em rítmo alegre, que se mescla á rítmica intensiva do jazz, que se esforça em aliar a seu passado, a representação da vida febricitante de Nova York, que é incontestavelmente o emblema da vida atual. A velha percurção, que na grande música é representada pelos tímpanos que tem passado distantissimos, multi-milenar, porém de períodos de concepções rítmicas dos velhos grupos asiáticos, tímpanos a quem diversos dos clássicos deram posição de instrumento, capaz de orientar acórdes e fráses, não podem despo-

ticamente ficar, orientando acórdes de passados diferentes, afro-ameríndios, e por isso a música hodierna deu guarída em suas orquestrações ás cuícas, ganzás, atabaques, etc.

O Carnaval, festa milenar, não no feitío de carnaval, mas de festas anteriores a êle, destinadas a descalques da população oprimida por preconceitos, o carnaval que se passou para o cristianismo, que assim se satisfez de não ter festas de tal especie em sua liturgía, sem a tirar, entretanto, das usanças populares das regiões onde êle, o cristianismo, se instalára, o Carnaval, repitamos, assume, entre nós, não somente as suas funções clássicas e milenares, como também a de descalcador dos usos nêgros oprimidos pelos brancos; nossos grupos carnavalescos, apresentam-se qual transplantações das velhas festas, como as do boi, de traços profundamente totêmicos, sendo por isso precisamente a sua impetuosidade entre nós, até certo tempo, impetuosidade que já está perdendo, porquanto a pouco e pouco o "folk-lore" lhe vae tirando as velhas prerrogativas.

Mãe prêta: Muito embora nos dias anteriores aos da legislação Rio Branco, a mulher preta já fosse mãe, não tendo sido essa legislação quem lhe impusera tal função biológica aprimoradora de sua sentimentalização, é inconteste que foi essa legislação quem alevantou a maternidade negra ao nível sacrosanto de todas as maternidades euro-asiáticas. Se antes da legislação Rio Branco, uma negra que engravidasse propositadamente forcejava

esbarros sôbre o ventre nos muros de fórnos de casas de farinha ou picadeiros de engenhos, agindo assim para evitar o nascimento de mais um servo, embora arriscando-se ao chicóte do capitão de campo, não devemos concluir que a preta, escrava, houvesse agido assim apenas para inflingir prejuizos financeiros á fazenda ou engenho, diminuindo-lhe a criação; é absurdo êsse critério, porquanto a mãe escrava, com o seu atentado, visava, apenas, evitar que o seu filho viesse a experimentar os mesmos tratos que ela experimentava.

Com a legislação Rio Branco, a situação se modifica profundamente, e tais atentados e infanticídios não se verificam mais, conformando-se essa e aquela mãe escrava, com a espectativa jurídica, muito embora o acompanhasse como um fantasma o célebre "color line".

A mãe escrava, mesmo nos dias pré-Rio Branco, não era entretanto uma afirmativa da monstruosidade, e quando o tratamento se fazia mais ameno, ela chegava a dedicar-se aos meninos brancos, que não raro amamentava, dando-lhes assim uma parte de suas energias.

E' agora a mãe escrava, que deixa de ser mãe escrava simplesmente, pré ou post-Rio Branco, para ser a mãe preta que entrára na sociedade brasileira, como entidade profundamente marcante de nossa formação doméstica.

Tão grande se fazia, por vêses a ligação efetiva da mãe preta, com os seus filhos brancos, que, em tal condição, ela se esquecia da posição servíl da pró-

pria entidade para dispensar carinhos iguais aos garotos brancos e pretos, que não estavam, apenas, sob a sua lactea proteção, porém sob a sua ingênua proteção cultural.

Tendo o seu catolicismo africanizado, mãe preta passa a seus filhinhos pretos e brancos, todas as suas crendices, dizendo dos esplendores das ramas de gameleira, quando conta as histórias do compadre rico e do compadre pobre, tementes a Jesus um e outro.

E' justamente por ter compreendido tão bem a posição precária da mãe preta, quc não trepidamos em alevantar bem alto, a entidade inconfundivel do Visconde do Rio Branco, que, na impossibilidade momentânea de encerrar o cíclo servil em nossa Pátria, ergue a mãe preta, proclamando á sociedade brasileira; que a maternidade, é sempre sublime, em qualquer esféra social que se apresente, assim como ainda precisamos, em nossos dias, afirmar igual sublimidade, não mais ás maternidades brancas e pretas, porém ás maternidades em qualquer situação civil.

A influência afetiva da mãe preta, não se adstringe ao período primeiro, com o correr dos anos, ela avança em idadc, e finalmente, assumindo a posição admiravel de avozinha, entra a acompanhar a fase formativa da scgunda geração, contando sempre as mesmas histórias de seu folk-lore, que seriam precursoras das atuais, como a do Papae Noel.

Com o evolver da nossa formação política, vem a legislação João Alfredo, ao encontro das aspirações nacionais, muito embora prejudicando interesses que seriam corrigíveis depois, como realmente o foram,

em Estados não previdentes como o Maranhão; com essa nova legislação, a mãe preta não se desliga de seus filhos e netinhos, prosseguindo pela estrada extensa da vida, até que, a longevidade, não lhe permitisse mais transitar em nosso meio, sempre contando as suas interessantes histórias, em que resplandecia o fulgor de um oxumaré, ligando o Céu e a Terra com as suas sete côres.

Desaparecida a mãe preta, como realmente desapareceu, pois em nossos dias não temos mais as velhas pretas daquêles tempos idos, passam-se elas não somente para o folk-lore nacional, como também para o coração do povo brasileiro, como em gratidão aos carinhos dispensados a muitos e muitos de seus grandes filhos, como também aos mais modestos.

Mãe branca: Em meio de toda aspereza do regime, que nos garantia o comércio do homem nêgro, existiam pessoas, especialmente senhoras, que, abriam excepções honrosíssimas, a essa pauta terrível de selvajaria, como oásis magníficos, saídos, como por encanto, do seio estéril dos desertos inóspitos; essas pessôas, que assim assinalavam tão sublimes excepções, por natureza afetiva e moral, tão aproximadas e conforme com as afirmativas do Cristo, são precisamente aquelas que simbolizaremos na bondosa Mãe Branca.

Mãe Branca representa uma criatura superior, em cujo espírito não têm guarída os prejuízos da época, nem tão pouco os desvários do mando sem limites.

Mãe Branca representa um pedaço de Céu, do verdadeiro Céu que não é de Jevé, nem de Olorum, descido á Terra para mostrar ao mundo nêgro que nem tudo era tiranía entre os que oprimiam as multidões afras, havendo mesmo a êsse tempo numerosissimas pessôas capazes de sustentar a edionêz do regime, assim o pudessem fazer, sem risco de seus próprios interesses.

Se o Senhor do Engenho, por vêzes subía a atitudes que pareciam superiores, como as do aforreamento de pimpôlhos pretos ou mulatos na pia, já dissemos que a sua atitude era impulsionada pela paternidade física, que realmente o exigia, paternidade essa que, aliás, não ia além dêsse aforreamento, pois a essas legiões bastardas, êles não conferiam o direito nem de lhes chamarem pai, tio, etc., sendo motivo para rêlhadas a valer, um simples chamamento dêsse teôr. Era em tal caso uma paternidade proclamada ás ocultas, ás bordas da pia batismal, porém negada alhures, tendo a proteger tal negação, toda uma legislação que faz do nascimento algo dependente, não da biologia, mas da ciência de regra como o Direito.

Mãe Branca, representando a mulher brasileira, cuja conduta não descera aos marneis, onde se chafundaram os homens senhoriais, não sendo mãe de ninguem no mundo negro, vem a êle, em grande numero de casos, — na condição especial de amenizadora da rudeza da servidão, talvez pela irmanação sentimental na sublime situação de mães, que eram, a preta e a branca.

E' certo que são apontadas senhoras de engenho, de rudeza tão grande ou maior que a de qualquer homem, como a Senhora B. do Engenho Panguá, mas êsses casos não são vultósos, entrando quasi no crivo das exceções, sendo o tipo Mãe Branca, ou Sinhá, o mais comum.

Como os arrojos do sentimento não são suficientes para tracejarem modificações numa teia jurídica Mãe Branca com toda a sua sentimentalização, nada mais poderia fazer que amenizar a vida de seus numerosos filhos pretos proporcionando-lhe o conforto de sua bondade.

Vem a legislação João Alfredo, mudando a fisionomía da sociedade, criando novas diretrizes para ela, e o vulto inconfundível de Mãe Branca, não desaparece, sendo ainda hoje lembrado, com o mesmo carinho com que era recebido pelos nêgros de outróra, servindo de fanal orientador, a quem pretendia pesquisar os domínios da velha sentimentalização brasileira.

A sabedoria popular que, em esteriotipias radiosas tudo eterniza em suas composições inconfundíveis, não se esquece de incorporar entre os padrões do sentimento clássico, as atitudes maternais da Mãe Branca, vigiando os seus escravos, como quem os guarda e ampara, até o advento da legislação final.

A Imortalidade e o Nêgro

A PSICOLOGIA E O NÊGRO — A REINCARNAÇÃO E O NÊGRO — A SESSÃO ESPÍRITA E O NÊGRO — PAI JOÃO

A Psicología e o Nêgro: Fôra sempre um dos objetivos do conhecimento clássico a pesquisa das origens do espírito humano. Dêsde as mais remotas doutrinas que se positivam duas hipóteses, igualmente respeitáveis, para orientar os investigadores em suas sistematizações, que, por serem empíricas, não deixavam de ser sistematizações. Assim, mais na condição de duas balisas radiosas, orientadoras da mesma estrada, que na situação de dois eixos destacados e sem conexão, centralizadores de movimentos culturais isolados, vemos aparecer a hipótese mecânica, e mais ainda a hipótese dinâmica dêsse mesmo Universo.

Assim, ora o espírito humano é uma conseqùência da estrutura orgânica, ora o organismo é uma consequência da ação organisadora de um espírito,

que independe dêle. Êsse aspeto, quasi totalmente à margem do espírito humano, teria auxiliado o triunfo mais ou menos retumbante da hipótese mecânica, não nos dias em que ela se mostrára tão empírica quanto á outra, porém nos estados de cultura mais próximos de nós, delineando contornos do edíficio materialista. De tôdo não estaria errada essa programação, pois realmente se chega a compreensão do espírito, partindo do simples para o complexo.

Defendendo o espiritualismo, uma alma não sinérgica, e representado ou pela filosofía clássica greco-romana, ou pelo teologismo vaticaniano, é fóra de dúvida que a hipótese oposta, esforçando-se em rebuscar embasamento científico para suas afirmativas, tivésse vantagens sôbre a adversária, sendo como aliás o fôra nos dias iniciais da cultura modérna, um sinal de vaticanismo tôda a afirmativa que recusasse o parecer que defendesse a alma sinérgica.

A Psicología cujo aspeto teoremático é de nóssos tempos, podendo-se definir como disciplina "de possibilidades psíquicas e de suas relações de dependência umas em face das outras ou em face de causas materiais", segundo Adriano Navile, não se apresenta no início de nóssa cultura nem no aspéto definido pelo autôr citado, nem na posição em que fôra colocado por Mr. Comte.

Sendo em 1590 empregada pela primeira vez éssa denominação por Goglenius afirmando com a composição etmológica do têrmo uma disciplina que se encarréga da descrição da psique, não tendo a êsse tempo a significação científica de nóssos dias, nem conse-

guindo arrancar da normativa filosófica os princípios fundamentais que orientaríam experimentalmente o pesquisadôr, de mais tarde.

A' proporção que evolvem as possibilidades da pesquísa, vão variando as hipóteses relacionadas com a descrição da psique, ou melhór, observação das relações de dependência dos fenômenos que afirmam éssa mêsma psique.

A princípio, são tôdas as impressões vindas de fóra para dentro, que compõem o espírito, como em sedimentações sucessívas, é a hipótese clássica da "táboa rasa"; depôis é observada a ligação de cada qual com o seu passado, e as impulsões mnemónicas abalam profundamente a vela "táboa rasa" a ponto de a levarem para o musêu das antiguidades culturais; mais tarde, finalmente, compreende-se não ser tudo, o que vém de fóra, sôb a fórma de impressões, havendo fôrças atuantes que se manifestam em sentído contrário, além do já mencionado procésso mnemónico. Com a Endocrinología o absolutismo do cérebro recua, dêsde que as fôrças atuantes na psique partem de tôdo o organismo; justifica êsse conceito acertadíssimo a expressão corrente de hôje, de que — "O homem pensa pelo côrpo tôdo".

A questão das raças, deixando a posição antiga de problema subordinado á filología e á etnografía, e buscando justificativas científicas, — como que renunciando ás suas vélhas prerogativas, dêsde que em qualquer das hipóteses sinérgicas, de "táboa rasa" ou não, as fôrças atuantes seríam sempre análogas nêste ou naquêle indivíduo —, quebra as pseudo-superiori-

dades tídas como raciais, e que, entretanto, são somente de cultura e de costumes.

Tôdas éssas opiniões e mais as de Freud dizendo que éssa alma assim resultante das reações físico-químicas se impuséra á cultura de tôdos os períodos, pela — "Introjeção do ímago paterna"... — têm a fôrça de escólas que dizem verdades, porém não a verdade, pela razão mêsma de se lhe depararem, de vêz em quando, fenómenos que forcejam tanto o edifício psicológico atual, como outrora sucedêra, com a "Táboa rasa".

Aos poucos novo setor se delineia: a méta-psiquica apresenta-se como qualquer cousa destinada a desembaraçar a doutrina, agóra clássica, de um sem número de dificuldades, como o fôra a sêu tempo a própria telepatía. A meta-psíquica mesmo, deixa em sua grande poligonal de definições alguns ângulos por fechar, aberturas éssas por onde passam séries de fenômenos, apenas explicaveis pela hipótese espirítica no parecer do próprio Richet, fenômenos tais como a exteriorização de sensibilidade com o duplo a distância e localização do mental nêsse duplo, mais a hectoplasmia permitindo materializações completas, e assim por diante.

Não focaliza, entretanto, a plenitude do problema, éssa meta-psíquica quando estuda uma psique somática e individualizada, mas tão disassociavel no fenômeno chamado morte, quanto o é o organismo de cujas reações físico-químicas dependeu.

Pràticamente o mesmo acontece, quando a meio de determinantes intrínsecas, a psico-análise tudo quer

justificar com os recalques ou com as ligações mnemônicas; aí está porque a uma e outra hipótese se apresenta a tese espirítica de Gustavo Geley como hipótese complementar fazendo ressaltar à observação do pesquisador uma entidade psiquica, que o tratadista intitula "psico-dinâmico-mental" que gosa da somaticidade antevista pela meta-psíquica, sem a disassociação no "depois da morte", entidade éssa que, em sintonização vibratória recebe várias das influências apontadas pela chamada psicologia profunda.

A questão nêgra, que assumira posição mais definida desde os albôres da psicología clássica, entra, do meta-psiquismo em diante, e especialmente da hipótese espírita, numa fáse tão decisiva quanto a que conquistára nos dias em que a antropología tomára a dianteira do problema, e isso porque a psicodinâmica-mental, independe de qualquer atuação rígidamente racial.

A reincarnação e o nêgro: Houvésse embóra afirmado alguma cousa, o espiritualismo clássico, sôbre a prèexistência da alma, não o encontramos no século XIX em condições de sustentar éssa afirmativa, senão do meádo do mencionado século em deante.

O fenomenismo empólga tôdos os espíritos, e há tendência para rebuscar báse positiva para tudo, chegando-se mêsmo a regeitar estrutura científica para a História, como se finalmente fóra das ciências de possibilidades, não estivessem as disciplinas de fatos e de régras, tão sistemáticas quanto as primeiras.

Seja, porém, como fôr, as questões da alma eram do domínio da psicología, e não da canónica, e, assim, o espiritualismo precisa entrar na pesquísa da relação de dependência de seus fatos, e, portanto, das leis, para consolidar sua posição em meio de outras tantas proposições que tendíam à arregimentação de disciplinas autonomas, como a própria Sociología.

Enquanto a psicología primitiva, embóra tateando na amplidão dos fatos, procura assentar suas afirmativas em qualquer fato que julga o primeiro degráu da escola positiva, o espiritualismo insiste em permanecer empírico, sustentando princípios acertados, porém à margem de sistematizações fenomenológicas, sendo essa a causa de insucessos de doutrinários eminentes, como Bonêt.

Assim, entretanto, não sucede indefinidamente, e, ao mêsmo tempo, que a psicología se desdobra, melhor fundamentando suas báses, fazendo-se somática, e reconhecendo nóvos horizontes, abordáveis por outras especialidades, como a metapsíquica, vemos que o Espiritualismo toma direção paraléla, buscando os fatos para, da relação de dependência dêles, tirar directrízes para a afirmativa da existência da alma imortal. Éssa é uma fase experimental do espiritualismo, tendo como orientadôr eminente, o espírito inconfundível de Allan Kardec, que têve energía bastante para demonstrar ao mundo ocidental, que seria possível não sêr sérvo do mecanicismo sem ser vaticaniano.

Por outro lado, a Teosofía, embóra não subordinada a sistematização ocidental, arregimenta, graças

aos esfórços das Blavatsky, das Beasants, etc., a essência do vélho conhecimento norteadôr do espiritualismo antigo, que, por falta de embasamento experimental, ficára por séculos inteiros em plano empírico.

Partam de uma ou de outra doutrina as afirmativas espiritualistas, ou seja, do espiritismo ou da teosofía, encontramos a alma sinérgica em situação de sintonía com uma psique-dinâmico-mental que a orienta entidade individual que independe da desagregação molecular que se procéssa no túmulo e mais que não surgíra como uma resultante filogenética, nem também como um procésso de méra adaptação físico-química a sedimentações do ambiente social onde desabrócha.

Se nos próprios domínios antropológicos a questão de raças se afastára de vêz das proposições pictelianas, interpretadôras da tendência filológica, etnográfica, com o espiritualismo renascído em báses experimentais, a situação se clareia muito mais, dêsde que as influências dos pigmentos das secreções várias, etc., não o vão á psíco-dinâmico-mental, ou seja ao espírito, na concepção de Gustavo Geley, grande continuador do espiritismo, fundado por Allan Kardec.

A velha hipótese da palingenésia, que admitía o percurso evolutivo das almas através de muitas existências, vólta a ser discutida, não fugindo também à experimentação, e vólta à balha ante a cultura humana, em sua perfeita posição, ou seja de escála ascendente, e nunca de possível regressão, como tería sido a hipótese da metempsicóse. Em fáce déssa palingenésia vulgarizada na cultura modérna, com o

título de reincarnação, vemos que a situação da alma do nêgro se modifica, pois uma entidade espiritual, orientará em seu procésso incarnacionista indiferentemente um côrpo afro, ameríndio ou euro-asiático.

Sendo, por isso mêsmo, a cultura e a sentimentalização, as idéias — fôrças que decidem da evolução do espírito, e não o pigmento, o ângulo facial, as secreções várias, etc.

Dentro déssa hipótese, um grande espírito póde descer a êste ou àquêle agregado, de acôrdo com as solicitações, óra dêsse agregado, que precise de orientadôr, que, em tal meio, despontará com o feitio dos *leaderes* ou dos pensadôres, óra por solicitação do próprio indivíduo, que precise de ajustar sua posição a meios mais atrazados, para vêr se uma altura maior, que será a projetada não será capaz de o envaidecer.

Não nos escandalizemos, nós, os brancos e bem brancos, com éssa hipótese, permitindo nascimentos de grandes entidades, em meios não escandinávos, porque afinal, apezar de todos os pesares, Jesus, não foi escandinávo, tendo sido, ao contrário, de uma raça considerada no sentido erroneo da concepção, como portadora de tôdas as vicissitudes, e por isso mêsmo tratada por determinados *leaderes* atuais, como responsável por tôdas as desgraças imaginadas e imagináveis.

Se, nos domínios do próprio materialismo, a questão das raças tomára posição divérsa da ocupada nos tempos em que as raças eram qualificadas literariamente, porque o zengavesta houvesse dito isto ou aquí-

lo, o espiritualismo modérno, de maneira muito mais acentuada e marcante, encerrára a discussão, levando-nos a nóvos horizontes sociais, onde a cultura e o sentimento terão que arregimentar os homens, em legiões muito mais numerósas que as dos grupos raciais, distribuídos em continentes.

A hipótese reincarcionista, que, como vimos, tém traços profundos de verdade, viéra ao encontro dos bantús, que se não a admitíam, podíam contudo percebê-la, por sêrem metempsicosistas, servindo também de ponto de partida para nóvas mestiçagens, déssa vêz não com o Catolicismo, porém com o espiritualismo espiríta.

A sessão espiríta e o nêgro: O kardecismo, que, como apreciamos em outra página, foi sistematização espiritualista do século passado, feita nos móldes da cultura ocidental hodiérna, busca assentar o seu edifício em três colunas iguais ás que sustêm o edifício da própria cultura geral, ou seja: a teoremática, o fáto e a nórma; se, na teoremática, são os mêsmos problemas que o preocupam, tirando apenas coordenadas e ligações com os princípios da Filosofia Primeira, nos fátos, êle procura, dentro dos domínios já do metapsíquismo, definir quais os produzidos pela entidade humana, e pelo espírito desincarnado, segundo sua terminologia especializada, enquanto que em normativa, inclina-se todo para a do Cristianismo, por ser justamente no Grande Ocidente do Mundo que tería que agir.

As suas reuniões experimentais, são sessão de pesquísa feita no sentido de bém fixar o fenômeno produzido, distribuindo-o em duas classes principais, a dos fenómenos anímicos e a dos espíritas propriamente ditos, sendo os primeiros, tudo quanto é realizado pelo espírito humano, e os segundos, o que é levado a efeito pelo espírito desincarnado, incorpório, que por isso mêsmo solicita energías de um organismo, para positivação do mencionado fenómeno que oscila entre a psicografía mais elementar e a materialização mais completa, e solicitando éssas energías de organismos possuidores de certas possibilidades de desassociação de fluídos, que são precisamente os mediuns.

Déssa experiência, resulta intercâmbio entre os dois grandes planos da vida: o de aquém e o de além túmulo, se quisérmos fazer dêsse pôsto de desassociação molecular, a referência das duas positivações da vida; por isso mêsmo, tal fenómeno intervém nos campos da normativa, cristalizando afirmativas morais, trazidas pelas entidades espirituais que, sintonizando suas vibrações com as do medium, falam á Humanidade.

Éssa é a doutrina resultante da codificação kardeciana, que, para a devida divulgação, tivera uma têia associativa, imaginada pelo próprio codificador, nos móldes da Democracia Americana; têia compósta de associações, destinadas ao estudo dos três aspétos da disciplina, e á realização o mais criteriósa possível da experimentação, como recurso affirmador da fenomenología.

Ainda não esclarecido devidamente o problema das raças, nos dias de Allan Kardec, e especialmente o da raça do continente africano, e também desconhecida a situação intrínseca dos cultos nêgros — de que a própria Teosofía, não se preocupára muito, perdendo-se, como realmente se perdia, em cogitações euro-asiáticas, quando não fôssem atlânticas e hinco-astequianas —, não é de admirar que o fundador do Espiritismo se tivésse preocupado mais com a osmóse possível do cristianismo euro-americano sôbre o conjunto espirítico do que com a de qualquer crença asiática, por exemplo, onde certos princípios inovadôres do espiritismo eram princípios correntes, como a reincarnação, e muito menos com as questões olorumianas, sendo êsse precisamente o ângulo aberto na grande poligonal que a doutrina realizaría no Brasil, em sua atuação de meio século.

Entre as modérnas escólas, que estudam o espiritualismo, é incontéste que o Espiritismo é a mais popularesca, infiltrando-se por isso mêsmo, nas camadas desprotegidas da sociedade, anciósas por encontrarem uma explicação mais clára e precisa da Justiça de Deus, tão parcial e cheia de caprichos, ante a vetusta Teología. Para explicação dêsses problemas, e consequente defêsa contra as possíveis osmóses, o fundador da disciplina em questão, compõe livros especiais, como o Céu e o Inférno, e explanações várias em outros de seus livros; mas, como defêsa e elucidação destinadas a evitar a mêsma osmóse com o africanismo, nada foi escrito, por não ter sido, como dissemos, problema da época.

Possuíndo o africanismo a prática evocativa, não como experimentação científica, porém como realização completiva de sua liturgía, e tendo os bantús, entre os princípios de suas crenças, o da metempsicóse primeira sistematização feita sôbre a ascenção vertical dos espíritos, sería inevitável uma sincretização entre as gentes de Olorum e os seguidores de Kardec, assim como em dias anteriores houvéra sucedido com o próprio Catolicismo.

Se em outros dias, é Olorum quem passa a ser Senhôr do Bom-Fim, não no altar, porém no pége, a cuja frente o pái de Santo não diz missa, mas preside a complicadas cerimónias que vão da dansa á comelaina, o mêsmo sucede com o advento do Espiritismo, quando novo sincretismo se procéssa, sem arredar as sedimentações do anterior, passando agóra o pai de santo a presidente de uma sociedade civil, que, não podendo registar-se como Macumba, Yemanjá, se regista como "Centro Nóssa Senhóra da Conceição", dando-se as autoridades como satisfeitas com isso, como também o fizéra o Bispo da Baía quando decretára a suspensão da famosissíma lavagem do Templo do Bom-Fim.

As evocadôras, ou filhas de santo, que do meio da Macumba — Yemanjá, passaram para o "Centro Espiríta Nóssa Senhóra da Conceição", assumem o nôvo título de *"médias"* entrando no procésso evocativo como liturgía e não como experiência.

O Catolicismo, a quem pesára muito éssa carga afro-católica, mas que a éla se submetêra largos sé-

culos, tolerando lavagens de Bom-Fim, simulando a existência de San-Benedito, que se cocuruta em seus altares, e mais Santa Efigênia, e assim por deante de sincretismo em sincretismo, sente-se agóra satisfeito com a passagem de todo êsse arcaboiço para a doutrina recem-chegada, por dois motivos principais: o primeiro, de aliviar os seus templos, — vejam bem: *os seus templos* — do afro-catolicismo, pois das multidões não conseguem afastá-lo, lá estando em redór da Igrêja do Bom-Fim, a mêsma amálgama de outros tempos; e, o segundo, porque, com éssa nóva instalação super-sincrética, leva o descrédito a um sistema doutrinário que se propõe fazer desabar tôda a fenomenología cristã, tirando-a do plano dos milagres, para qualifica-la entre as cousas normais e sem divindade alguma, e, mais ainda, divulgando, em livros populares, sua desambientação doutrinária com a cultura do século.

Assim como entre o bolício da festança do Bom-Fim, sería possível uma sinceridade nêste ou naquêle babalaus, pois sinceridade não é previlégio nem de branco nem de padre, assim também, em meio do animismo de uma ex-Macumba-Yemanjá, póde saltar um fenómeno espirítico, de que resulte ensinamento, quando cultural, ou cura, quando terapêutico, sendo aí que outros grupos sociais se zangam, ou sejam os médicos, êsses mêsmos que hoje são tantos que vivem cavando colocações nêstes ou naquêles laboratórios para nos dizerem nas bulas dêles, que êste ou aquêle remédio é uma maravilha, quando na esquina e á bôca pequena, sustentam a inoquidade da fórmula.

Tanto é verdadeira a nossa proposição, que em estados nóssos onde o africanismo não dominou, como o do Paraná, foi possível a um Lins de Vasconcélos realizar uma estrutura associativa espirítica o mais possível aproximada das diretrizes kardecianas, não o tendo sido no Rio, com tôdos os Bezerras de Menezes e Guillons Ribeiros de nóssos dias.

Se, em outros tempos, foi possível o desconhecimento dessas questões, não o é mais em nóssos dias, quando já é índice de sabença discutir-se sôbre africanismo, e elegância o ter andado a namorar uma "cabêlo não néga"; sendo, por isso, de ideia préconcebida, que se chama "baixo espiritísmo", a êsse método sincrético, autorizando-nos a que, arrimados ao mêsmo procésso, lhe chamemos "baixo catolicismo", pelo menos até que o San-Benedito saia dos altáres de nóssos templos onde indèbitamente ainda se encontra.

Pái João: Não ha como o corrêr do tempo, tangendo aí além as multidões, em rumo de outros campos onde se vai fazer justiça perfeita, sôbre as anomalías e injustiças praticadas noutro período. Assim foi sempre, e sempre assim será, tendo acontecido de igual sórte com a figura inconfundível e marcante de nossa história colonial, e mêsmo do Império, que o fôra Pai João.

Dêsde muito cêdo, lógo no advento do kardecianismo no Brasil, em sessões experimentais, feitas para pesquísa — e não para culto, é bom sempre repetir —, começam a aparecer os vélhos anónimos,

trazendo óra suas tristezas de outros tempos, óra seus conselhos de resignação e de fé.

O reincarnacionismo que não fôra aceito sem grande resistência misoneística, — leiam-se os anais do espiritísmo na Inglatérra, e isso, certamente, devido a preconceitos, milenáres de órdem racial —, o reincarnacionismo vém justificar a eclosão de saber muitas vêzes positivado na linguagem simples de um alguém que não quer ter nome, e se oculta na entidade modésta de um Pai João qualquer.

Entre os espiritistas brasileiros, e aí é que está a gracinha, são suscitadas dúvidas quasi gobinozianas sôbre a procedência déssas manifestações, sob o pretexto de que um prêto não póde ter cultura, podendo, quando muito, ter coração. Mas é no quadro mêsmo da doutrina dêles, que se alevanta a hipótese de que na série enórme de existência, a entidade espiritual póde escolher a feitura somática da que melhór lhe aprouvér, no sentido de maior aproveitamento moral de seu ensino. Assim, na escala enórme da existência daquéla entidade, a sua jornada inculta podería não ser a última porém uma délas havendo maior vantagem no trazer o ensino pretendido sob a fórma de Pai João que na de um grande sábio ou de um sereno vulto apostolar, servindo assim a nossa descultura na mêsma proporção que desserviría o nósso preconceito, ferindo profundamente um e outro.

Entre os méstres da literatura francesa, lá está Fenelon, que interpretando o classicismo grêco-romano, nos apresenta Minérva, tomando a fórma anónima de mentor, sem qualquer passado nóbre, para

acompanhar Telemaco, em busca do pai dêle, não o abandonando, ou melhór não se identificando, senão quando a sua missão estava terminada, asseverando mêsmo, que o seu anonimato, era para que Telémaco não se imaginasse protegido demais, arrojando-se levianamente, apenas confiando néssa protecção, sem tirar dêsse arrôjo, os ensinos de prudência que o perigo lhe ofertára.

Depois dos pais Joões terem assim batido ás pórtas das experimentações espíritas, ei-los que sussuram as inteligências dos Ninas Rodrigues, e tôda uma literatura nóva aparéce voltada no sentido de fazer luz científica e de justiça, sôbre o nêgro e sua óbra no seio da Brasilidade.

Agía, acertadamente, o vélho Pai João quando orava a um Jesus, que não sabía quem houvéra sido, nem o que tivéra feito no Mundo, e orava confundindo-o ingenuamente com os seus deuses e orixás, pedindo a êsse Jesus, que fizésse justiça a Pai João, justiça que foi feita realmente por tôdos os brasileiros, tendo os espíritas á frente, em cumprimento á advertência do próprio Jesus, de que "nada ha escondido que não venha ser devidamente revelado". Sendo êsse Pai João perfeitamente intégre na brasilidade, que propomos para substituto de um San-Benedito da lenda inexpressiva e extrangeira.

Conclusão

A incursão nêgra no Brasil, não se tendo subordinado aos antecedentes comuns nem ligado intimamente ás emigrações normais, conforme apreciamos no curso dêste trabalho, dêsde a instalação imigratória em nósso território, se ajustára precisamente ás régras gerais das migrações, com as variantes importantissímas da posição assumida por êsse grupo social, no agregado que o recebía, posição que fôra a de escravo no Brasil e nos Estados Unidos.

Vimos como a nostalgía e a revólta déssa gente, batêra em cheio no grupo dominador, vindo a êle, não por uma vitória no campo aberto da guérra, como o provára o fracásso dos acontecimentos de Palmares, mas por uma infiltração cultural garantida pela dupla mestiçagem, tambem estudada.

Procuramos analisar como, por êsse duplo intercâmbio, fôram atingidos o branco e o prêto, saíndo, por exemplo, o vatapá do seio das liturgías afras para o cardápio do Palácio, da mêsma fórma que Sant'Ana

saia do altar para substituir Namburucú nos vários pégES das macumbas.

Foi explicado também, porque êsse procésso de osmóse não podería poupar o Kardecianismo ingressado no Brasil, quando tôda essa amálgama já estava cuidadosamente preparada, pelo tempo, sendo ressaltada a parcialidade de quantos pretendem sacudir sôbre êsse kardecianismo a responsabilidade de macumbização de nóssos costumes, ou a injustificada restauração dos balalaus, acusação apenas afirmadôra de interesses prejudicados, dêsde que o próprio assacador da responsabilidade sôbre o espiritismo, é o primeiro que dança o passo da rapôsa, externando uma realização totêmica, apenas com o nome inglês de fox, e aplaude no Instituto de Música a inserção em nóssa bagagem artística de um "Funeral do Rei Nagô", ou então de qualquer maracatú, onde não faltem puitas e ganzas.

Em fáce do quadro sociológico apresentado, não temos apenas que confiar no *folk-lore*, como porta de entrada para êsse passado africano em rumo de nossa cultura, e isso porque em tal transplantação, êsse *folk-lore* não recébe do passado distante tôdas as crendices, muitas das quais independem tanto do *folk-lore* com suas sanções, quanto dos antecedentes rigorosamente bantús ou sudaneses, como no caso de San-Benedito.

Não devemos confiar apenas nêsse *folk-lore*, porque a sua ação é lenta, e para lhe acelerar a óbra de consolidação final, precisamos fazer trabalho de divulgação de todos êsses sistemas culturais, não para

apologías e reinstalações — porque estão fóra das coordenadas da vida modérna — mas para explicar as origens de nossos usos e cultura. Devemos, aliás, fazê-lo com a mêsma sinceridade com que estudamos as mitologías grêco-romanas, germano-escandinavas, etc.

Tiraria por ventura o esplendor da fixação do Natal em dia que coincide com Noél da gente céltica, Noél que quer dizer Noite de Saúde, e acaso êsse Noél assim explicado, em aliança com o Natal de Jesus, diminuirá porque se tenha imaginado chamar Vovô Índio á mêsma festividade?

Pois bem, assim como Vovô Índio veio a um Natal de Jesus, que por sua vêz se havía encontrado com o Noél da gente céltica, poderemos também chamar o Pai João velhinho de cabeça tão alva quanto o algodão, para símbolo de toda uma cultura primitiva da gente que viveu na Senzala, e orava na Macumba, em evocações como esta:

"Procuro um refúgio ao pé do Senhor dos Homens, Rei dos Homens, Deus dos Homens; contra a maldade daquêle que sugere os maus pensamentos e se esconde. Que infiltra o mal nos corações dos Homens; contra os gênios e contra os Homens" — agindo assim por não saber, como ainda hoje muita gente não sabe, ou não quer compreender, que a Deus se vai "em espírito e verdade", sendo por isso mêsmo que com o evolvêr de nosso conhecimento, vai tambem evolvendo a ideia que fazemos Dêle e de seu amôr.

ÍNDICE

OBRAS DO AUTOR:

O amor e a psycanalyse (exgotado).
Aparencias (exgotado).
Catecismo Espirita (em 2ª edição).
Da Escola ao Mundo (exgotado).

Em preparo:

O Eterno Constructor.